

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O ENTORNO DA ESCOLA RURAL ASTROGILDO PEREIRA DA COSTA COMO  
CONSTITUTIVO DA CONSTRUÇÃO CURRICULAR DA ESCOLA**

VÉRA LUCIA COSTA DA SILVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR JOSÉ FERNANDO KIELING

PELOTAS  
2009

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O ENTORNO DA ESCOLA RURAL ASTROGILDO PEREIRA DA COSTA COMO  
CONSTITUTIVO DA CONSTRUÇÃO CURRICULAR DA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação Prof. Dr. José Fernando Kieling

PELOTAS  
2009



## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Fernando Kieling (presidente/orientador)

---

Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola (EST/RS)

---

Prof. Dr. Sérgio Pedro Herbert (UNISINOS/RS)

---

Profa. Dra. Conceição Paludo (UFPeI/RS)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado saúde e coragem nesta caminhada da pesquisa.

Aos meus pais Ottoni (in memória) e Ivone, incentivadores do conhecimento que não mediram esforços para que os filhos estudassem.

Ao meu companheiro Gilberto, pela paciência neste tempo de pesquisa.

As pessoas da comunidade escolar Astrogildo Pereira da Costa, sem as quais não seria possível a realização desta pesquisa.

A minha irmã Elisabete que contribuiu na discussão deste trabalho.

Ao Secretário de Educação de Herval, 2004/2008, Gaudioso da Costa Vieira, por sua pronta disposição em aceitar e incentivar esta pesquisa e disponibilizar meios para o seu desenvolvimento.

Ao meu orientador, prof. Dr. José Fernando Kieling, que tranquilamente me orientou e problematizou meus limites, ajudando-me a achar caminhos.

Ao Carlos Hermógenes Pereira, paciente motorista do transporte escolar, colaborador cuidadoso, tanto com os estudantes, quanto com os demais seguimentos da comunidade escolar. Quero destacar o seu comprometimento e interesse em colaborar com este trabalho de pesquisa.

Ao prof. Carlos Marcelo Neutzling, pela sua zelosa contribuição na confecção do abstract desta escrita.

E a todos que de uma maneira ou de outra colaboraram na construção desta pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal pesquisar o entorno da Escola Municipal Astrogildo Pereira da Costa, escola rural, situada no município de Herval, a oito quilômetros da cidade. De modo a contribuir na discussão e construção curricular para que educandos e demais pessoas envolvidas na Escola Astrogildo Pereira da Costa, passem a valorizar aspectos próprios da realidade, vista a partir das famílias e demais pessoas dessa comunidade camponesa. E a buscar conhecimentos que possam qualificar o currículo da Escola Rural, para que este, ao mesmo tempo em que leve em consideração os saberes locais de experiência feita, problematize-os, para que sejam qualificados e incorporados ao currículo escolar. Foram muitas visitas, discussões e reuniões onde produzimos novos questionamentos na tentativa de compreender melhor e problematizar o entorno e a sua relação com o currículo da Astrogildo Pereira da Costa. Bem como, possibilitar às pessoas, que através da qualificação desta discussão, obtivessem maior conhecimento de causa das relações que fazem parte da rede de sociabilidade dessa comunidade, com limites, possibilidades e conflitos que a constituem. Esta pesquisa também tem a pretensão de potencializar os diferentes grupos sociais, respeitando o seu devir histórico, com as suas peculiaridades, para que possam articular-se na construção participativa da própria escola e, porque não dizer, da vida na comunidade. A Astrogildo é uma escola pólo que atende a estudantes de diversas localidades rurais que chegam à escola em sua maioria, no transporte escolar. Esta pesquisa buscou conhecer as práticas efetivas na referida escola, suas rotinas diárias, os conflitos e aproximações existentes na rede de relações que compõem esta instituição de ensino e suas implicações no ato educativo. Busquei igualmente, perceber como o conhecimento do entorno entra nas estruturas curriculares da escola e o que se pode fazer colaborativamente, na perspectiva de introduzir conteúdos mais significativos e com mais sentido aos estudantes nos programas de ensino. A partir daí pode-se problematizar e discutir melhor os conteúdos mais gerais cobrados pelo sistema educacional e sua adequação a formação dos estudantes. A minha participação no GAPE/UFPel me aproximou das discussões sobre educação do campo e fez com que eu visse a possibilidade de realizar esta pesquisa.

Palavras-chaves: Educação do campo, Camponeses, Entorno e Currículo

## ABSTRACT

This work has as a main goal to proceed in the investigative researching of the social surrounding[1]aspects of the Astrogildo Pereira da Costa School, a rural state area school situated in the city of Herval, eight kilometers far from the urban city center, in order to contribute into the discussion and building of the curriculum guaranteeing that the students and people involved in this particular school begin to value the own aspects of the reality, as seen from the initial perspective of the families and people who live in this rural area community. Also proposes knowledge capable to qualify the rural school curriculum, for this curriculum, in the same way that considers the local knowledge, has to be incorporated into the school's curriculum.

It has been so many visits, discussions and reunions where we produced new questionings in the attempt to comprehend better and question the social surroundings and its relation with the Astrogildo Pereira da Costa school curriculum, as well as create and give more possibilities of qualification for the people into this discussion, for them to obtain more qualified knowledge of the relations that are part of the social web where they socially interact, with the limits, possibilities and conflicts that are part of its constitution.

Also has the intention to potencialize the different social groups , respecting their historic elements and its peculiarities, for them to articulate into the participative building of the school itself and, why not to say, in the community's life.

Astrogildo is a center pole school which attempts students from several rural localities, who arrive in its great majority by school transportation. This research intended to show the effective practice In this school, its diary routine, the conflicts and approximation in the web of relations that compose this educational institution and its implication towards the educative acts. I equally tried to perceive how the knowledge of the social surrounding aspects of the school penetrates into the curricular structures of the school and what can be made collaboratively, in the perspective to introduce more significative contents, an in the same way more sense –dotted for the students in the teaching programs. From that point the more general content required by the educational system can be discussed and argued. My participation in the GAPE/UFPEL made me closer to discussion on rural education and made me see the possibility of procced into this investigation.

Key words: Rural education, rural workers, social surroundings aspects and curriculum

## **LISTA DE SIGLAS**

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

FAE – Faculdade de Educação

GAPE – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas

ISEPE – Instituto Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

EAD – Educação a Distância

SME – Secretaria Municipal de Educação

MST – Movimento de Trabalhadores Sem Terra

CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

PPP – Projeto Político Pedagógico

EJA – Educação de Jovens e Adultos

## SUMÁRIO

|                                                                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Apresentação.....                                                                                                     | 10  |
| Introdução.....                                                                                                       | 12  |
| 2.Minha Trajetória.....                                                                                               | 16  |
| 3.O Caminho desta pesquisa.....                                                                                       | 21  |
| 3.1 O Movimento da pesquisa.....                                                                                      | 23  |
| 4. O Entorno da Escola Rural Astrogildo Pereira da Costa como Constitutivo da<br>Construção Curricular da Escola..... | 37  |
| 4.1 Escola do Campo.....                                                                                              | 41  |
| 5. Aproximação do Currículo às Condições Camponesas.....                                                              | 95  |
| 6. Considerações Finais.....                                                                                          | 122 |
| 7. Referenciais Bibliográficos.....                                                                                   | 131 |

## **APRESENTAÇÃO**

A escolha da pesquisa está relacionada à minha trajetória de vida e de docente, como professora urbana da rede pública.

Fui criada até certa idade na localidade denominada Passo d'Areia, que ainda pertencia a Herval e que hoje pertence ao município de Pedras Altas.

Na idade de ir para a escola, fui morar em um internato de freiras em Herval. Fato este que me entristeceu por me separar de minha família. Em consequência disso tive várias reprovações. Não tendo êxito no internato, meus pais me levaram de volta para casa.

Passei a estudar na escola rural Major Amaro da Silveira, que ficava uns sete quilômetros da residência de minha família. Esta escola, por suas referências e questionamentos, foi muito importante na minha escolha profissional.

Depois, em 1988, tive a oportunidade de trabalhar numa escola que, na época, ainda era rural, a Escola Estadual Nosso Senhor do Bonfim, em Morro Redondo. Logo, em 1990, fui para a Escola Estadual Santa Izabel, na colônia de pescadores, situada no início do canal São Gonçalo, no município de Arroio Grande. Nesses espaços revivi um pouco da minha infância, mas continuava intrigada com o currículo predominantemente urbano dessas escolas, apesar das peculiaridades marcantes, muito interessantes e que eram completamente desconsideradas.

Em 2006, tive a oportunidade de me aproximar do GAPE (Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular). Já sabia que o GAPE desenvolvia pesquisas relacionadas à educação do campo e isto me inspirava curiosidade. Comecei a

participar das discussões e, conforme delas ia me apropriando, mais aumentavam as minhas inquietações, pois via nas pesquisas um pouco de mim.

Em 2007, entrei no mestrado e então tive a oportunidade de realizar esta pesquisa e esta escrita. Ela está ligada e se soma a várias outras que constituem a caminhada do GAPE, como as de: Ingrid Diekow, Rosa Lucas, Osmar Hences, Elisabete da Silveira Ribeiro, Francisco Vieira, Andréia Barbosa, Rose Miranda, Lilian Rodriguez, Paulo Rodrigues, Carla Rodrigues, Solânia Timm, Maria da Graça Souza, Fabiane Timm e Sibelie Valente.

O ponto de partida destes estudos foi a tese de doutoramento do orientador, Sobre a Expansão da Agropecuária Sul-Riograndese e, do mesmo pesquisador, um trabalho de síntese e projeção de tarefas realizado no estágio de Pós-doutorado entre 2004 e 2005 na Unisinos, intitulado Construção Curricular em Escolas do Campo.

Optei por voltar à Herval e lá fazer a pesquisa, primeiramente por poder retornar às minhas origens e também pela solicitações das pessoas que lá ficaram e que estão de um modo ou de outro envolvidas com possibilidades e problemas educação do campo.

Escolhi a Escola Astrogildo Pereira da Costa, por ser de mais fácil acesso. Gostaria de fazer a pesquisa na escola em que estudei outrora, mas esta fechou e aquela região não pertence mais à Herval, desde a emancipação de Pedras Altas.

Quero ressaltar aqui a importância da discussão com outros pesquisadores na UFPel, bem como com os camponeses, professores, estudantes, pais, funcionários, Secretários de Educação de Herval, no transcorrer da pesquisa, enfim todas as pessoas envolvidas no entorno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Astrogildo Pereira da Costa.

## Introdução

*Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isto muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo  
Fernando Pessoa*

Este trabalho tem como alvo a auxiliar educadores, educandos e demais pessoas envolvidas na Escola Astrogildo Pereira da Costa, a darem maior importância a aspectos próprios da realidade vista a partir das famílias e demais pessoas dessa comunidade camponesa. E a buscar conhecimentos que possam qualificar o currículo da Escola Rural, para que este, ao mesmo tempo em que leve em consideração os saberes locais de experiência feita, problematize-os, para que sejam qualificados e incorporados ao currículo escolar.

Desse modo nos reunimos, discutimos muito, e produzimos novos questionamentos, na tentativa de compreender melhor e problematizar o entorno e a sua relação com o currículo da Astrogildo Pereira da Costa. Bem como,

possibilitar às pessoas, que através da qualificação desta discussão, obtivessem maior conhecimento de causa das relações que fazem parte da rede de sociabilidade dessa comunidade de entorno, com limites, possibilidades e conflitos que a constituem.

E também tem a pretensão de fortalecer os diferentes grupos sociais, respeitando o seu devir histórico, com as suas peculiaridades, para que possam articular-se na construção participativa da própria escola e, porque não dizer, da vida na comunidade.

A Astrogildo é uma escola rural, localizada na Guarda Nova, a oito quilômetros da cidade de Herval. Por ser uma escola pólo, atende a estudantes de diversas localidades rurais, os quais, chegam à escola em sua maioria, no transporte escolar.

Com esta pesquisa tenho a pretensão de conhecer as práticas efetivas na referida escola, suas rotinas diárias, os conflitos e aproximações existentes na rede de relações que compõem esta instituição de ensino e suas implicações no ato educativo.

Busco igualmente, perceber como o conhecimento do entorno entra nas estruturas curriculares da escola e o que se pode fazer colaborativamente na perspectiva de introduzir conteúdos mais significativos e com mais sentido aos estudantes nos programas de ensino. A partir daí pode-se problematizar e discutir melhor os conteúdos mais gerais cobrados pelo sistema educacional e sua adequação a formação dos estudantes.

Sempre tive vontade de fazer pesquisa em educação do campo, a qual está ligada a minha própria história de vida. Fui estudante<sup>1</sup> de escola rural e fui muito feliz neste espaço, tendo sido muito importante na minha construção como pessoa, como estudante e mais tarde como professora. Paralelo a isto, os educadores que permanecem por lá cobram de mim e dos educadores hervalenses que estão mais

---

<sup>1</sup> Em alguns momentos opto por escrever na 1ª pessoa do plural, por ser uma pesquisa colaborativa em que estão junto comigo ora as pessoas da comunidade escolar e ora companheiros do grupo de pesquisa e, em outros momentos escrevo na 1ª pessoa do singular por se tratar da minha caminhada na pesquisa.

próximos da Universidade, no sentido de buscar qualificar as discussões a respeito da educação. E, a minha participação no GAPE/UFPel fez com que eu visse a possibilidade de realizá-la.

Conforme KIELING (2005):

Em nosso grupo de pesquisa – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (GAPE) -, temos procurado sintonizar nossos estudos e atividades de pesquisa com as demandas colocadas à escola pública e à universidade pelos setores populares da sociedade. Discutimos, inclusive, a própria possibilidade da escola pública incorporar demandas não-elitistas, problemas e dimensões dos modos de vida dos segmentos populares da sociedade.

Este processo me instigou na busca curiosa de (re)conhecer a comunidade escolar rural - pais, estudantes, professores, funcionários da escola - bem como outras pessoas que trabalham e mantêm relações interpessoais e sociais naquela localidade e, compreender de forma mais efetiva a ligação entre os saberes que se fazem diariamente nesse espaço com os construídos/repassados na escola.

Vivemos um momento em que as escolas rurais estão sendo fechadas. A SE/RS justifica a política atual, porque entende que as comunidades rurais têm uma pequena demanda escolar e seu atendimento apenas onera o caixa do governo. Toda a dimensão do enraizar cultural da escola rural é descartada na justificativa do poder público. Trata-se os estudantes como meros dados genéricos de tabelas, sem levar em consideração as peculiaridades do mundo campestre e o papel cultural da escola na comunidade.

Na Astrogildo, juntamente com a comunidade escolar, investigamos o entorno da escola na perspectiva de problematizar o seu currículo, no sentido de verificar como este está organizado e de que forma pode contemplar, colaborar e

problematizar os saberes de experiência feitos no entorno da escola. Quero deixar o registro de que esta foi uma experiência extremamente colaborativa e por isto mesmo, por demais significativa tanto para a minha formação docente e, porque não dizer, para a minha vida, quanto para a comunidade envolvida.

## 2. Minha trajetória:

*Quem me dera que a minha  
vida fosse um carro de bois  
Que vem a chiar, manhãzinha  
cedo, pela estrada,  
E que para de onde veio volta  
depois  
Quase à noitinha pela mesma  
estrada  
Fernando Pessoa (1998)*

Entendendo que é impossível descolar a vida pessoal da acadêmica e profissional, trago um pouco de minha vivência de estudante campesina escolar e em seguida da minha vida como docente e universitária.

Fui criada até certa idade na localidade denominada Passo d'Areia que ainda pertencia a Herval e que hoje pertence ao município de Pedras Altas.

Quando já estava em idade escolar meus pais entenderam que eu deveria ir para a cidade, estudar no colégio interno das freiras, em Herval. Situação para mim extremamente traumática. Não me adaptava de modo algum. E, atribuo isto ao fato de ser filha de uma família numerosa, onde, como não poderia deixar de ser, tudo era socializado, ao contrário do internato, lugar de muito incentivo ao individualismo, inclusive com nomes gravados nas coisas de cada menina interna. Eu, como menina empobrecida ficava desejosa, em minha situação precária, inclusive de doces e brinquedos a que não tinha acesso.

Passado algum tempo, meus pais perceberam não ter sentido me manter no internato e fui estudar lá fora, junto deles, na escola rural Major Amaro da Silveira. Perto da minha família me sentia segura e feliz.

Lembro-me do quanto a professora Marta me fazia sentir valorizada, coisa que eu não estava acostumada na escola do internato, já que havia reprovado algumas vezes e me sentia inferiorizada por não conseguir me adaptar à vida longe de casa. Só consegui me encontrar como aluna e ser estimulada no que mais tarde seria fundamental para a minha escolha profissional nessa escola. A Major Amaro da Silveira, localizava-se no Passo d'Areia, a uns sete quilômetros de nossa casa, onde ainda hoje minha mãe e irmãos permanecem e onde, sempre que posso, vou renovar minha existência.

Mais tarde na minha adolescência, tomando conta de meus irmãos menores, ainda mantinha, mesmo que morando na cidade, costumes campestres, por exemplo, todos os dias eu tirava leite, de uma vaca que meu pai conseguiu deixar num sítio de um conhecido. Lembro-me que, nessa época, os adolescentes urbanos riam muito de mim, pois mesmo Herval sendo uma cidade rural era comum a negação desta característica. Eles achavam muito engraçado eu, uma menina, fazendo uma atividade rural, a qual eles entendiam como masculina. Mas, nunca dei importância a essa provocação, devolvia os retrucos e continuava minha vida.

Em abril de 1976 comecei a trabalhar na prefeitura de Herval, como auxiliar administrativa, com intuito de ajudar nas despesas da minha família. Fiquei nesse emprego até agosto de 1979, quando vim para Pelotas para continuar os meus estudos.

Em 1982, comecei a trabalhar como professora, primeiramente na Escola Estadual Castelo Branco, no Capão do Leão. Em 1983, fui transferida para a Escola Estadual Sylvia Mello e, nesse ano, me formei na licenciatura em Estudos Sociais, na Universidade Católica de Pelotas e, em 1984, em Licenciatura Plena em História, também pela UCPEL.

Em 1988, fui trabalhar na Escola Estadual Nosso Senhor do Bom Fim, no Morro Redondo, escola que na época ainda era rural, tendo passado a ser “urbana”

neste mesmo ano pela emancipação de Morro Redondo, que até então pertencia ao município de Pelotas. No entanto, a escola continuava com características rurais.

Em 1990, fui trabalhar em Arroio Grande na Escola Estadual Santa Isabel, na vila de pescadores Santa Isabel.

Em 1992, voltei para Pelotas e comecei a trabalhar no Colégio Objetivo, de onde me desvinculei em 2006, por entender que estava com pouco tempo para me dedicar aos estudos que me propus a fazer. Também em 1992 comecei a trabalhar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rambo.

Em 1996, me formei no Bacharelado em Escultura pela UFPel e, em 1998, na Licenciatura Plena em Artes Plásticas, também na UFPel.

Em 2002, passei a trabalhar também na Escola Estadual de Educação Básica Osmar da Rocha Grafulha.

Em 2006, conclui um pós-graduação em nível de especialização em Arte Terapia, promovida pelo ISEPE (Instituto Superior de Educação, Pesquisa e Extensão). Nesse mesmo ano comecei a participar das atividades do GAPE/UFPel.

Em 2007, fui aprovada para o Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFPel. Enfim, continuo na busca incessante de qualificar a minha prática e também de fazer um resgate histórico da minha trajetória de vida. Retomo às minhas origens para fazer um trabalho de pesquisa com a comunidade campesina, que é uma das minhas bases. Por pesquisar sociabilidade e escolarização é que escolhi a linha de pesquisa Filosofia Educação e Sociedade.

A discussão desta escrita de pesquisa, começa com a socialização de algumas das minhas vivências, inquietações e atividades nas quais estou envolvida e que são também motivadoras da pesquisa.

Voltando ao passado, lembro-me de minha infância simples e feliz, junto aos meus familiares. Já na idade pré-escolar, eu e meus irmãos, mantínhamos grande

cumplicidade, tanto que nos entendíamos rapidamente com o olhar, para inventarmos nossas brincadeiras.

Mais tarde, as lembranças vêm das viagens a cavalo até à escola, também com meus irmãos, companheiros de andanças e aventuras infantis. Do banho no arroio, das corridas a cavalo, das bonecas de pano que minha mãe fazia para poder presentear todos os filhos, no Natal ou Aniversário. Da divisão de tarefas da casa, as quais não eram do meu agrado. Ajudava muitas vezes a contragosto. Preferia as lides do campo, trabalho na mangueira com o rebanho de gado ou ovelhas ou trabalhar na lavoura, estas tarefas por não trazerem consigo rotina, tinham para mim um sabor de liberdade.

Enfatizo que estudar em uma escola rural, foi motivo de elevar a minha auto-estima como ser humano, além do prazer das novidades diárias que a própria natureza nos presenteava. O caminho até a Major era uma alegria contínua das brincadeiras e correrias que fazíamos, eu, meus irmãos e vizinhos. Com esta parceria, neste trajeto desconhecíamos a palavra perigo. O cavalo que me carregava era também, mais um parceiro das idas e vindas para a escola, agüentando as corridas e me esperando pacientemente a cada porteira ou parada nos matos para comer pitanga ou tomar banho de arroio. Este tempo foi muito bom!

Esta minha cumplicidade com a escola rural foi à semente de valorização da minha intenção de pesquisa, por entender a sua importância, principalmente para os que vivem no e do campo.

Mas o tempo da escola rural passou. Deixando saudades. Surgiu a necessidade de ir morar em Herval, para continuar os estudos e no campo restaram as visitas nos finais de semana. Junto a nossa separação de nossos pais que tinham que continuar à vida no campo, pois era de lá que vinha o nosso sustento.

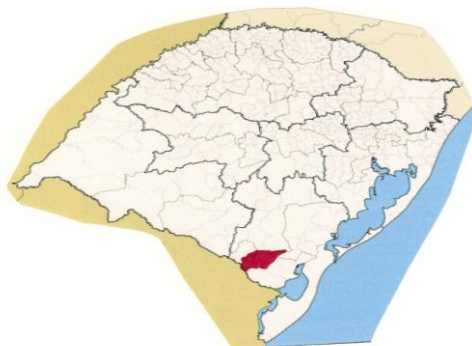
Nossa presença na cidade causava alguns espantos, pelo nosso jeito campestre, que era motivo de chacota e deboches de alguns colegas. Nossas tarefas, trazidas do campo, como, por exemplo, tirar leite, para consumirmos e vender o excedente, que eu e meu irmão fazíamos antes de ir para a escola de

manhã, quando o meu pai não estava na cidade. Às vezes, pelas reações demonstradas entendíamos que para alguns *“trabalhar era feio”*.

No meu retorno a cidade, novamente reprovei na escola. Não me acostumava aos costumes urbanos, foi muito duro esse rompimento com o mundo campesino. Eu tive que me convencer que este distanciamento era necessário e precisava aceitar esta nova realidade. E assim a vida foi tomando o seu curso e eu fui amadurecendo e me adaptando.

### 3. O Caminho desta pesquisa

Falando de Herval...



Herval (em vermelho) no Rio Grande do Sul

(...) Busquei rumo e me perdi,  
Querência, minha querência,  
Desde então me chamo  
ausência,  
Porque me apartei de ti.  
Como cavaleiro andante,  
Das léguas que caminhava,  
Sempre que me aproximava,  
Do sonho correndo adiante,  
Mais me sentia distante,  
Daquilo que procurava!  
Quem vira mundo não para,  
Nem tampouco desanima,  
Há uma lei que vem de cima,  
O tempo que nos separa,  
É o que mais nos aproxima,  
Quem vira mundo não para,  
Nem tampouco desanima...  
E nesse andejar em frente,  
Sem procurar recompensa,  
Fui vendo - na diferença,  
Entre passado e presente,  
Que a lembrança de um  
ausente,  
Tem mais força que a  
presença!  
(...) Saudade - tempo e  
distância,  
Pra conservar a fragrância,  
Da primitiva inocência,  
Me tornei canto de ausência,  
Querência da minha infância.  
**Querência, tempo e ausência –**  
Jaime Caetano Braun

A área territorial de Herval é de 1758 Km<sup>2</sup>, o município situado na encosta do sudeste do Rio Grande do Sul, limita-se ao sul com Jaguarão e com a República Oriental do Uruguai, ao leste com Arroio Grande e Pedro Osório, ao oeste com Pedras Altas e com a República Oriental do Uruguai e ao norte com Piratini e Pinheiro Machado.

O nome do município originou-se da erva-mate encontrada em abundância nas matas quando da sua colonização. Na época, erva era grafada com "h". Poucos anos depois, sem os cuidados com a reposição ou extermínio, havia sido dizimada toda a vegetação nativa de erva, hoje grande fonte de renda em outras regiões. É o povoado mais antigo pertencente ao então município de Rio Grande, que abrangia toda a região Sul do Estado. Tendo sido elevada a categoria de cidade em 02 de maio de 1938.

Herval tem uma economia baseada na agropecuária e inclusive o comércio da cidade é voltado, principalmente a esse ramo.

Em 1996, o espaço físico de Herval sofreu alterações que são expressas no seu mapa, já que perdeu parte do seu território, pois o município de Pedras Altas emancipou-se levando consigo terras que pertenciam a Herval.



Herval antes de 1996



Herval depois de 1996

No último registro do censo, 2007, a população de Herval era de 6873 pessoas. E, em 2006 contava com 1165 estabelecimentos rurais.

Enquanto fazíamos esta pesquisa passamos por um processo eleitoral, desse modo quando começamos o prefeito era o Marco Aurélio Gonçalves da Silva,

do PDT (Partido Democrático Trabalhista) tendo sido eleito em 2008 o Ildo Sallaberry, do PP (Partido Progressista). Consequentemente quando começamos a pesquisa o Secretário Municipal de Educação era o professor Gaudioso Vieira e, em 2009, passou a ser a professora Iádia Martins.

### **3.1. Movimento da pesquisa...**

Esta pesquisa foi feita com visitas, pesquisa em documentos e reuniões na escola, convívio no transporte escolar, ida nas casas dos estudantes, reuniões no assentamento São Vergílio e na Secretaria Municipal de Educação. Não foi uma tarefa fácil. Foi um processo realmente histórico, com limites e possibilidades que podem compor uma pesquisa desta natureza.

Não é prática comum das escolas pesquisar a sua realidade. É usual o envolvimento da comunidade, mas não nesse nível. Não é habitual na escola organizar o conhecimento local. E essa organização... essa sistematização do conhecimento local era uma das pretensões centrais desta pesquisa. E para tanto o que estava subentendido tinha que vir à tona.

Existia em mim também muitos limites teóricos e uma visão, embora com a minha caminhada camponesa, romantizada a respeito da referida escola. Hoje a visão que tenho é completamente diferente e isto vem evoluindo conforme a pesquisa se desenrola.

O que era claro para mim era a minha inconformidade a respeito de como os conteúdos urbanos são embutidos na escola do campo e de como se desconsidera quase que totalmente os conteúdos realmente históricos.

Isto demonstrava uma discordância das relações próprias das pessoas do lugar. O conhecimento local não estava organizado para servir de ponto de partida para o ensino.

E, não servindo como ponto de partida para o ensino, tendia a colocar-se uma organização curricular sustentada só sobre as grades curriculares e livros

didáticos. Logicamente de vez em quando esta ligação aparece em sintonia com o local, mas é preciso organizar de uma forma que o local adquira centralidade. O local, quando aparecia, era apenas como ilustrativo do livro didático e ainda, às vezes, de forma pejorativa.

Na Academia parece que a pesquisa participante está clara. Mas, quando nos deparamos com a pesquisa propriamente dita, vemos que na Universidade ela aparece de forma muito romantizada. Não estão colocadas, por exemplo, as questões das intempéries. Várias tentativas de chegar à escola foram frustradas por problemas em relação ao tempo. Cada vez que me preparava para ir até lá, chovia. Aliás choveu bastante em 2007.

Busquei embasamento em alguns autores como Boaventura Souza Santos, Carlos Rodrigues Brandão e Danilo Romeu Streck como categorias consistentes para a realização desta pesquisa.

Segundo BRANDÃO e STRECK (2006, apresentação):

A pesquisa participante pode ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinadas a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir, também, desses conhecimentos. São experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo: pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado, pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber. Uma múltipla teia de e entre pessoas, que ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com os padrões consagrados de idéias pré-estabelecidas sobre o conhecimento e seu valor, as envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes(...)

Desse modo, quando consegui ir pela primeira vez na escola, lá cheguei com uma mistura de ansiedade e temor, pois não sabia no que realmente ia dar esse processo. Aí aprendi na prática que “*o caminho se faz caminhando*”. Era um temor misto, pois ao mesmo tempo em que temia que o projeto não fosse aceito pela escola, também estava ansiosa pela minha iniciação na pesquisa.

E, embora eu seja de Herval, desconhecia quem eram as pessoas que trabalhavam na escola ou mesmo quem estava em seu entorno. A facilidade de acesso levou-me a escolha da Escola Astrogildo Pereira da Costa.

Como é que fui vencendo a ansiedade? Com a minha chegada na escola, conversando com a diretora. Ao conversar com a diretora vejo que já lá tinha alguém para fazer parceria.

A diretora foi me mostrando o espaço da escola. Depois me apresentou para o grupo de professores, o qual também se mostrou pronto a colaborar. Percebi que todos queriam mudanças. No entanto, não sabiam por onde começar, nem se “podiam” realizar as mudanças necessárias no currículo.

A Astrogildo Pereira da Costa é uma escola situada bem na beira da estrada. Este prédio foi construído para ser esta escola, que antes pertenceu ao estado do Rio Grande do Sul e que, em 1979, com o passar dos anos passou para o município.

A Astrogildo era minha velha conhecida, pois quando ia para a casa dos meus pais passava sempre por lá, no entanto o meu conhecimento dela era apenas o de passar na sua frente pela estrada.

Quando cheguei lá pela primeira vez, observei na escola um espaço físico pobre, desqualificado realmente. As salas de aula com uma divisão de madeira, uma madeira fininha. Sem espaço para refeitório, sem muitos recursos didáticos. Um espaço bem precário mesmo.

No primeiro momento colaborativamente e junto com os professores da escola, comecei a fazer indagações a respeito da escola e a pesquisar os documentos escolares.

No segundo momento, fui fazendo a sondagem. Conversei com a diretora e com os professores para saber quem teria disponibilidade, para ver possibilidade de interagir com os estudantes e de discutir os movimentos da pesquisa na interação com professores da escola.

No andar da pesquisa houve reformas no prédio e melhoraram muito as condições da Escola, a qual era muito antiga. Penso que o fator determinante para que as reformas comesçassem rapidamente foi o fato de um menino ter sofrido um acidente na escola, quando lhe caiu um tijolo no pé. Os pais ficaram muito apreensivos e tomamos a iniciativa de pedir providências ao Secretário Gaudioso, que nos recebeu pacientemente e nos colocou que já estava a par da situação e que logo seriam começadas as reformas. E assim de fato ocorreu.

Quero enfatizar, que, se por um lado o espaço físico era muito danificado, por outro as pessoas eram muito abertas às mudanças.

Aí encontrei pessoas conhecidas e pessoas amigas. E as pessoas que não me conheciam também já me olhavam e me identificavam. Inclusive um dia passou um carro cheio no momento em que eu estava pedindo carona, mas não pedi para essas pessoas desse carro, por ter visto que estava cheio, mesmo assim eles pararam e, me disseram: “ \_Ah! A filha do seu Ottoni nós não vamos deixar na estrada”. Eu peguei carona com eles, mas não sabia quem eram. Depois cheguei em Herval e perguntei para a minha mãe que me disse. Então eles conhecem a gente, mas eu não conhecia eles. É pela semelhança mesmo, que nos reconhecem. Pela semelhança principalmente com a minha mãe é claro.

Bem, neste mesmo dia, a diretora me explicou como estavam divididas as aulas e, era deste modo: Todos os estudantes de 1ª a 4ª ficavam sob os cuidados da professora Catiúscia e os de 5ª à 8ª ficava composto pelos seguintes professores: a Andréia além de ser diretora lecionava Espanhol e Artes, a Marlene, Português e Ciências, o Jairo, Matemática e Educação Física, a Elza, História, Geografia e Ensino Religioso. A escola contava ainda com a Alessandra que era merendeira e servente e o seu Abel, que era motorista do transporte escolar.

Depois a Andréia me levou de sala em sala me apresentando a todos. Conversei com os estudantes e expliquei a eles o que estava fazendo ali. Pedi que eles conversassem com seus pais para que pedissem para eles se eu poderia ir nas suas casas. O que eles fizeram e eu sempre fui muito bem recebida.

A minha conversa tanto com os estudantes quanto com os professores foi muito franca e desde o começo lhes expliquei a importância da sua participação na pesquisa, evidenciando ainda que sem eles não seria possível realizá-la.

E foi muito interessante a cumplicidade e sinceridade que se criou. Por exemplo, a prof<sup>a</sup> Elza me chamou e alertou para o seguinte fato :\_ “Vera como é que tu vais chegar de manhã cedo na casa das pessoas”? Porque a proposta era essa, eu ir no ônibus cedo ficar na casa das pessoas e retornar somente quando o ônibus fosse buscar as crianças. “No inverno ainda é noite. O que é que tu vais fazer lá? Quando o seu Abel pega as crianças lá é noite escura”. Entendi neste momento que este conhecimento de causa é algo próprio do saber de experiência feita, que permeia as relações do entorno desta escola.

Mudei o percurso. Isto é o movimento próprio da pesquisa. Fui assim criando as articulações com os sujeitos.

Então, primeiro estudei os documentos da escola. Decreto de criação, previsão calendário da escola, a qual é polo e por isso funciona concentrada em três dias por semana de turno integral, ou seja manhã e tarde. Não havia um Projeto Político Pedagógico criado pela escola e sim um fragmento de um planejamento enviado pela SME, o qual servia a todas as escolas do meio rural, o que mudava era apenas a localização, número de estudantes e de professores.

Busquei também o número de alunos e a divisão das disciplinas na grade curricular. E combinamos que a caminhada desta pesquisa serviria para colaborar nas discussões para a construção do PPP da Escola. Discuti bastante com os professores na escola sobre a questão da educação do campo. Todos percebiam que os conteúdos desenvolvidos eram muito distantes da realidade campesina e se propunham buscar maior sentido ao que era desenvolvido pela Astrogildo. Conversei bastante com os estudantes. Utilizávamos muito o recreio para as

nossas conversas e eles sempre diziam que já me esperavam ansiosos pela próxima visita.

Sou professora formadora do Curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil -UFPel - e também responsável pelo pólo de Herval. No dia 17 de outubro de 2008 fui, juntamente com a professora presencial do Pólo, Maria de Fátima Sória, até o Assentamento São Vergílio para tratar de algumas questões do Grupo de EJA, que está se formando neste assentamento. Aproveitei a oportunidade para interagir e pesquisar, pois muitos dos educandos de EJA, são também pais de alunos da Escola Astrogildo.

A criação desta turma de EJA é uma das tarefas de parceria das estudantes do Curso de Pedagogia/EAD que deve ser acompanhada por nós. Nesta ocasião, fomos até lá, conversamos com o pessoal e foram feitos os acordos para o início do curso. Participamos da partilha do almoço e da boa conversa com os camponeses.

Segundo eles, o que os motiva a estudar, principalmente neste momento, é que vários compraram carros e precisam ser alfabetizados para tirar a carteira de motorista. Ou seja, esta é uma necessidade concreta da cotidianidade desses camponeses.

Nesta reunião foram apontados vários limites dos educandos para chegar até a turma de EJA e, juntos, discutimos algumas soluções. O principal limite apontado pelos educandos, é a distância que têm que percorrer à noite, depois de enfrentar uma longa e árdua jornada de trabalho. No entanto, eles mesmos chegaram à conclusão de que não tem outro modo e de que enfrentarão o que for necessário para vencer esta etapa.

Retornei à cidade de Herval com a Fátima e as estudantes do Curso de Pedagogia, Cíneia e Flaviane, que estão fazendo a parceria para a implementação desta turma de EJA.

Já em Herval, procurei a Andréia, diretora da escola, e deixei com ela um projeto, que era mais uma provocação, para que, juntamente com a comunidade escolar, pudéssemos, na Astrogildo, discutir a construção curricular daquela escola. Acordamos que a reunião seria, se possível, dia 14 de novembro. A Andréia

concordou logo com a idéia, pedindo apenas para que antes entrássemos em contato para confirmar se seria possível reunir os pais. Assim fizemos. Nesta conversa fiquei sabendo que a professora Elza havia se aposentado e, estava faltando professora para o lugar dela.

A questão das visitas nas casas era algo que sempre eu queria fazer, mas que custei a conseguir começar. Quero deixar claro aqui a disponibilização do transporte escolar e o interesse do professor Gaudioso<sup>2</sup> em que este trabalho fosse realizado. No entanto, o seu Abel já tinha um planejamento pré definido, o que fez com que essa chegada fosse um pouco protelada. Quando conseguimos enfim, começar as visitas não as paramos até dezembro de 2008.

Nestas visitas busquei indicativos como escolaridade dos pais, economia, questões culturais, de família, as reuniões sociais. Neste tempo de visitas, que foi de setembro de 2007 até dezembro de 2008 visitei todas as famílias da escola. Muito destas discussões que passaram a ser levantadas foram levadas às reuniões.

Para que o projeto fosse iniciado fizemos, no dia 14 de novembro de 2008, uma reunião da comunidade escolar. Nos dividimos em grupos de estudo para ler e esquematizar o texto “O Método em Paulo Freire”. A leitura e a discussão trouxeram a possibilidade de reorganizar o currículo da escola.

Acordamos também, fazer, um encontro com os estudantes em março de 2009. A reunião teve uma participação predominante de mães e avós, sendo que apenas um pai pode participar. Ao questionar o porquê desta predominância, eles me responderam que não é falta de interesse, mas que fica difícil deixar o trabalho do campo, que exige muito tempo, para participar de reuniões, principalmente na época de plantio e esquila.

A partir das falas dos pais, estudantes, professores, discussões na escola e na universidade, sintetizei as propostas apresentadas, buscando reflexão teórica para elaborarmos um projeto de currículo que leve em consideração os saberes de

---

<sup>2</sup> Em abril de 2008, mudou o Secretário de Educação de Herval, porque o Professor Gaudioso fora convidado a candidatar-se à Câmara de Vereadores. Então a professora Vera Nobre que fazia parte da equipe de coordenação pedagógica da SME, assumiu a titularidade da Secretaria.

experiência feita, ao mesmo tempo em que dê sentido ao conhecimento universal para que os estudantes possam ter acesso a este, sem que seja apenas um adendo utilizado para preencher espaço em sala de aula.

Tomamos como base as relações que vão ficando mais aparentes na escola e ao mesmo tempo fomos discutindo e problematizando os conteúdos que atualmente são desenvolvidos nas diversas séries e de que modo são desenvolvidos e quais mais poderíamos contemplar e de que modo. Buscando organizar um currículo com características peculiares desta comunidade, utilizando referenciais teóricos como categorias que possibilitem a compreensão de novos saberes.

Começamos a reunião com a leitura do projeto, depois nos dividimos em grupos com a seguinte provocação: - Que saberes do dia-a-dia de vocês devem ser aproveitados na escola?

A discussão foi intensa e riquíssima, para além, inclusive, do questionamento. O primeiro grupo trouxe como resultado da discussão a seguinte contribuição. \_ “Na escola deveria ter informática, inglês, educação física 'mais puxada' para os alunos, horta, aula de técnicas agrícolas, plantio de árvores frutíferas e flores, cuidar da manutenção da escola, que é de todos, buscar o auxílio dos pais, para fazerem uma escala de trabalho voluntário neste começo de organização, para que depois os próprios estudantes possam se responsabilizar pelas atividades, trouxeram inclusive a sugestão da criação, para 2009, de cronograma de reuniões de planejamento e avaliação entre pais e professores, estudantes e funcionários. E, ainda palestras e seminários na escola”.

O segundo grupo trouxe a seguinte contribuição: “deveria ser colocado no currículo: trabalhos artísticos, inclusive teatro, -melhorar o espaço físico, como as divisões das salas de aula, bem como a manutenção da escola em si, uma sala para a merenda, ampliar estas discussões que foram feitas aqui nesta reunião levando os questionamentos para casa, com os maridos, filhos e netos e depois rediscuti-las na escola”.

O terceiro grupo relatou que tirou como conclusão que “é necessário modificar o espaço físico com melhores divisões para as salas de aulas para

melhorar a aprendizagem, pois uma sala de aula interfere na outra. Lembraram também de adquirir um computador, para facilitar os estudos e as pesquisas dos alunos, da necessidade de abordar com os estudantes abertamente sobre coisas do cotidiano e problemas do dia-a-dia, os quais fazem parte da realidade, como por exemplo, droga, sexo e violência”.

Todos os grupos pediram a permanência dos mesmos professores na escola. Deixei o grupo com a seguinte questão para discutirem em casa e me darem retorno numa próxima reunião: \_Que retorno, em termos de qualificação, esta pesquisa está trazendo para a escola?

Enfatizei a importância das suas contribuições nesta pesquisa, principalmente para potencializar a ação formadora da escola, da qual eles são constituintes, e, o que é tão importante para a comunidade.

O espaço físico da Astrogildo é realmente limitado, as salas de aulas são divididas por uma camada fina de madeira. Discutimos este problema com a diretora Andréia, que relatou que outrora toda a área construída da escola era para as salas de aulas ou espaços educativos, mas como houve a necessidade da merendeira morar no prédio, desse modo este espaço teve que ser reduzido. Ainda nesta reunião fiquei sabendo que a professora Camila ocupou o lugar da professora Elza que se aposentou.

Esta reunião me deixou muito feliz pelo retorno que tive tanto dos professores quanto dos pais que tomaram para si o projeto de construção curricular da escola. Saí de lá com a certeza de que este é começo de um caminho de autonomia escolar, que se faz, como diriam Freire e Horton, ao caminhar.

No dia 07 de janeiro de 2009, fui até a Secretaria de Educação conversar com a nova Secretária de Educação, professora Iádia Martins, a qual estava assumindo esta pasta naquele mês. Expliquei a ela como a pesquisa estava sendo desenvolvida na Escola Astrogildo Pereira da Costa.

Em reunião anterior, na divisão de tarefas para dar continuidade à pesquisa, me comprometi com o grupo da comunidade escolar de ir até a referida Secretaria, com a solicitação da comunidade de que continuasse o mesmo corpo docente que

estive em 2008 na Astrogildo. No entanto, a professora Iádia contou-me da impossibilidade de atender a essa solicitação, alertando-me que naquele momento ainda não sabia quem ficaria na Astrogildo. O que tinha certeza era de que alguns não ficariam, como era o caso da professora Helena, que passou a fazer parte da equipe de coordenação pedagógica da SME.

Já havíamos combinado em reunião com a comunidade de voltarmos às atividades em março. Desse modo no dia 03 de março, liguei para a Andréia, que até o final de 2008 era a diretora da Astrogildo. Ela me informou que a diretora agora é a professora Isabel Cristina Xavier Vieira.



Pais e professoras em reunião – março de 2009

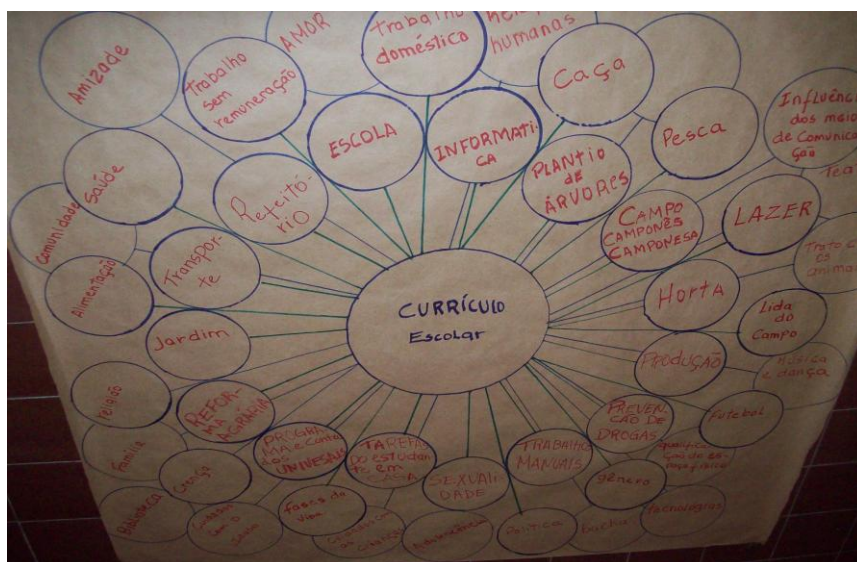
No dia 14 de março fui à Herval para combinarmos como faríamos o planejamento da reunião. Nessa ocasião conheci a atual diretora da Astrogildo e combinamos a reunião com a comunidade para a próxima sexta-feira, dia 20 de março.

E assim fizemos. No dia 20 tivemos a reunião. Esta reunião com a comunidade escolar tinha como objetivos principais a apresentação da Cristina e dos novos professores na escola e olhar para os temas que surgiram de nossas conversas na comunidade, no decorrer desta caminhada e discutindo o que fosse mais significativo e/ou o que por ventura tenha “fugido” ao meu olhar.

A reunião começou com a apresentação da nova equipe. Do corpo docente que trabalhava na escola permaneceram somente dois professores, a Camila, do 1º

O Corpo docente ficou composto da seguinte forma: A diretora Isabel, desempenha também a função de professora de Religião e de Artes. A Paula que é professora do 4º ano do ensino de nove anos e 4ª série do ensino de oito anos. A Ana Lucia de Português de 5ª à 8ª série. A Cidiane de Ciências e de Espanhol de 5ª à 8ª série. E a Marculina de História e Geografia, sendo que esta professora está de Licença em função de doença de familiar. A merendeira também trocou, sendo agora a Fabiane.

Apresentei o cartaz-síntese, com a rede de temas que percebi serem intenção da comunidade para integrar o currículo escolar e, na discussão fomos levantando o que era faltante. E organizamos juntos como daremos continuidade nas atividades desta pesquisa.



33

Interessante registrar que nesta reunião notei uma participação maior dos pais, geralmente estão presentes apenas mães nas reuniões, em função da sazonalidade dos trabalhos campestinos. Na fala destes, eles mostram a necessidade de tomarem para si esta pesquisa.

Um momento muito rico da reunião foi quando surgiu o problema do transporte escolar, uma ocasião muito interessante para se perceber a construção do processo histórico em que as pessoas tomaram para si a problemática. A prefeitura municipal, por uma questão de contenção de despesas, está fazendo um trajeto diferenciado no transporte escolar, o que está causando um transtorno principalmente à comunidade do Assentamento São Vergílio. Muitos estudantes deste Assentamento colaboram em lides da casa, principalmente no manejo das vacas de leite, atividade feita de manhã bem cedo, antes eles de ir para a escola. Como o transporte está passando muito mais cedo, não estão podendo colaborar com a produção do leite. Como, por exemplo, no caso do Rudinei: ele é o único arrimo da mãe viúva. Ou ele deixa a mãe sozinha no trabalho, causando transtorno ou ele falta à escola. Este foi o momento mais tenso da reunião. Os pais já estão se organizando para procurar uma solução para este assunto.

As reivindicações da comunidade pelo espaço físico me deixaram muito feliz, pois começam a se dar conta de que este espaço mostra as relações que se estabelecem no lugar. E ao mesmo tempo qual o espaço político que querem construir junto a escola para a educação de seus filhos. Tiramos em reunião que o seu Luís Alberto, pai de aluno, vai coordenar a construção da horta, buscando inclusive o auxílio técnico da EMATER, para fazer estudo de solo, eles se deram conta de que local onde está a horta está contaminado pelo esgoto que passa próximo.

A professora Cidiane ficou responsável em conseguir as mudas de árvores e várias mães se prontificaram a trazer flores que têm em casa para enfeitar o jardim. Segundo a dona Luiza *“desse modo os pássaros voltarão a cantar na escola”*. Todos entendem que o lugar precisa de árvores, pois é muito alto e muito desprotegido, além de ficar mais bonito é claro.



Pais e professores em reunião- março de 2009

Quanto ao refeitório, entendem como importante ter um lugar para a partilha do alimento que é feito em sala de aula pela questão de falta de espaço e solicitam ainda uma merenda de melhor qualidade.



Cartaz dos estudantes da Astrogildo sobre currículo

Os estudantes decidiram registrar num cartaz a ebulição que as discussões provocaram na comunidade escolar. Quero dividir aqui a emoção que senti quando vi o que eles escreveram para mim no cartaz: *“Vêra você nos trouxe esperança”*.

Sei que esta esperança já existia neles, se eu tenho alguma cumplicidade foi apenas em tê-la acordado. Outra leitura interessante é que eles fazem questão de colocarem seus nomes, o que para mim é como se dissessem: \_*“Eu sujeito histórico estou aqui construindo a minha própria história”*. O que me remete a fala de Boaventura de Souza Santos (2002, p.246):

Enquanto pela forma hegemônica do conhecimento, conhecemos criando ordem, a epistemologia da visão levanta a questão sobre se é possível conhecer criando solidariedade. A solidariedade como forma de conhecimento é o reconhecimento do outro como igual, sempre que a diferença lhe acerrete inferioridade, e como diferente, sempre que a igualdade lhe ponha em risco a identidade.

#### 4. O ENTORNO DA ESCOLA RURAL ASTROGILDO PEREIRA DA COSTA COMO CONSTITUTIVO DA CONSTRUÇÃO CURRICULAR DA ESCOLA



Foto de estudantes da Astrogildo na frente da escola

*O camponês não pode deixar seu trabalho  
para andar milhas para ver figuras geométricas  
incompreensíveis e (...) abastecer-se de termos didáticos vazios.  
Os filhos dos camponeses não podem  
distanciar-se léguas inteiras, dias e dias,  
da estância paterna para ir aprender  
declinações latinas e divisões abreviadas.*

*Os camponeses, entretanto,  
são a massa nacional e a mais sadia e substanciosa,  
porque recebem de perto e em cheio  
os eflúvios e a amável correspondência  
da terra de cujo trato vivem.*

*MARTÍ, José in: STRECK, Danilo R. (2007)*

O movimento de pesquisa que por hora me dedico, junto com à comunidade escolar local, está acontecendo numa escola pólo e do campo localizada no município de Herval, a saber: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Astrogildo Pereira da Costa. Essa dissertação trata deste movimento até março de 2009.

Nos movimentos de avanço, recuo, tensões, dúvidas e não posso deixar de expressar a minha alegria pelo processo de aprendizagem e pesquisa que venho fazendo. Como diz Freire (1982, p.8): *“Estudar é, realmente um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistêmica. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a”*.

Além de aprender pelo enfrentamento das tarefas práticas que a pesquisa de campo impõe, a pesquisa vai mostrando o potencial das ações colaborativas.

E, por fim, não posso deixar de colocar o entusiasmo ao encontrar em autores – antes mistificados – inúmeros pontos de aproximação e diálogo. Como é grata a surpresa de descobrir em Freire recorrentes relatos e reflexões sobre educação de camponeses.

No dia treze de maio de dois mil e sete, após vários contatos com a Secretaria Municipal de Educação de Herval e a direção da Escola de Ensino Fundamental Astrogildo Pereira da Costa, fui até Herval.

Na ocasião falei com o secretário de educação Gaudioso Vieira, com quem discuti o projeto de pesquisa que propunha ser feito na escola rural Astrogildo. Fui muito bem recebida e o projeto bem acolhido, o que me deixou mais tranquila, pois sou natural de Herval e ex-aluna de uma escola rural desse município.

A conversa com o Secretário de Educação me colocou a par da situação da educação em Herval. Em 2007, o município contava com treze escolas municipais e três escolas do Estado. Gaudioso, com muita transparência, contou-me dos problemas do cotidiano da educação em Herval, como por exemplo, do atraso do início do ano letivo de 2007, que foi começar para valer no dia dois de abril, em função de acertos com o transporte e licenças para trafegar.

O secretário é um historiador nato e, aproveitamos a ocasião para conversarmos um pouco sobre a História do Herval que compõe também a história de ambos.

Desloquei-me, depois até a Escola Astrogildo. Discuti o projeto com a direção, representada nesse momento pela professora Andréia Santos,

professores, funcionários, alunos e pais. Fiquei muito motivada pela aceitação inicial da pesquisa. Quero deixar registrado do quanto me senti bem na escola, desde a primeira visita. Lembro-me que era um dia de festa. Véspera do dia das mães e, em consequência disso, tive a oportunidade de logo conhecê-las e explicar o motivo de minha presença na escola.

Voltar ao Herval para fazer a minha pesquisa era sem dúvida muito agradável, pois era voltar as minhas raízes e minha infância. A pesquisa trazia consigo o resgate da minha história como aluna rural.

Vamos às primeiras informações para contextualizar a pesquisa.

A Escola Astrogildo Pereira da Costa foi fundada em março de 1950 como escola do estado do Rio Grande do sul e, em outubro de 1979, passou para o município. Tanto numa como noutra conjuntura ainda não tinham ocorrido na região os assentamentos de reforma agrária. Eles, hoje, dão conta da densidade populacional do entorno. A época da fundação da escola foi marcada pelo aceleramento industrialização e pelos reflexos de desenvolvimento que chegaram às paisagens mais distantes, tais como os campos do Herval, no extremo sul do país, incorporando ao movimento econômico através da produção da lã e do abastecimento das pequenas cidades da região.

A filosofia da escola vista no Projeto Político pedagógico

*“O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade, amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadão. Vivemos numa era marcada pela competição e pelos progressos científicos e avanços tecnológicos que definem exigências novas que ingressarão no mundo do trabalho. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Astrogildo Pereira da Costa, situada na Guarda Nova, município de Herval, tem como base filosófica: A formação do aluno e pleno desenvolvimento de suas habilidades e competências. Com esta filosofia pretende-se criar na escola condições que permitam aos nossos jovens*

*ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania, para o mundo ocupacional ou profissionalizante, mas por meio de conteúdos que expliquem o mundo e lhes dê oportunidades de adquirir capacidades para lidar com ele. O mundo ocupacional acessível, que lhes dê uma autonomia desejada em relação à família, tanto para a independência como para a liberdade de ação”.*

Se vê que a linguagem oficial ou oficiosa no documento não retrata efetivamente as concepções e as intenções das pessoas na condução da escola. Não é aí que vamos encontrar a filosofia. Veja-se: onde está o mundo camponês nesta fala estritamente acadêmica? Onde estão as relações concretas do entorno da Astrogildo? Esta discussão, por isso, ser trazida à tona.

A escola traz pelo seu PPP como objetivo geral: *“Criar condições para que os educandos se tornem críticos, sujeitos da história e capazes de atuar com responsabilidade na sociedade que vivem”.*

E como função da Escola: *“A escola, tem como função oportunizar o conhecimento ao aluno ajudando-o a ver e compreender a realidade, expressando-a, descobrindo e assumindo a responsabilidade como elemento de mudança na sociedade”.*

O que deu para ver na Astrogildo é que estas escritas servem para cumprir uma formalização exigida, mas não são sequer consideradas pela escola como um todo.

No dia 12 de maio de 2008, na festa em comemoração ao dia das mães, conversei pessoalmente com a professora Vera, nova Secretária de Educação que estava prestigiando a festa da Astrogildo. Reafirmamos o acordo, em relação à pesquisa, que antes fora firmado com o professor Gaudioso. E continuei fazendo a pesquisa na escola.

#### 4.1 Escola do Campo

A escola que por ora queremos discutir é uma escola concreta, com todas as contingências que possam permear a sua rede de relações. No entanto, ela faz parte de uma totalidade maior, que não é uniforme, mas que tem referências muito presentes na Astrogildo, que é a totalidade das escolas públicas rurais brasileiras.

Segundo RIBEIRO (2003, p. 12)

As escolas no Brasil até a década de [1960] eram iminentemente rurais: a sociedade era predominantemente rural. A partir do processo de industrialização e a consequente urbanização do país, essa educação passa a sofrer pressão de modificação para basear-se em conceitos urbanos. E isto fica fortalecido com LDB 5692/71

A referida LDB colocava um padrão universal de conteúdos necessários ao desenvolvimento do Brasil, como entidade única. A estratégia central que gradativamente vai minando com as formas anteriores de escola rural está na substituição dos professores da comunidade pelos professores formados pelas faculdades. Desse modo começou a desvalorização da escola rural.

Para FERNANDES (2005, p. 1) a educação do campo surge de forma mais efetiva a partir da década de 1990 e o que faz com que isso aconteça são as *“demandas dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um fato extremamente relevante na compreensão da história da Educação do Campo”*.

Cada lugar tem suas peculiaridades, e, mesmo fazendo parte de uma totalidade, não se pode tratar esse lugar específico como se fosse genérico, como se, apenas por ser do campo, todas as realidades fossem iguais. O termo campo expressa uma totalidade de relações diversas, particulares e singulares, e não

elimina as distinções, não homogeniza as desigualdades. Apenas expressa a dimensão não urbana dessa variedade de relações histórico-sociais. O importante, por isso, é não eliminar as dimensões próprias de cada lugar social e territorial constituídos. Para FERNANDES (2005, p. 9) “*O campo e as realidades são específicas, por mais amplas que sejam, estamos tratando dos territórios camponeses*”. O importante pois é a Escola do Campo trazer à tona a diversidade de ações e de seus respectivos sujeitos, que constituem essa realidade do campo. À escola pode caber a função de evidenciar e sistematizar as especificidades das áreas rurais e seus vínculos históricos com a totalidade da sociedade, dando consistência maior ao conhecimento e às práticas das pessoas do campo. E é nesta perspectiva que apostamos na Escola Astrogildo Pereira, até mesmo pelo atendimento ao chamado feito à comunidade para a sua participação efetiva na escola.

No entanto, em contraposição a essa visão esperançosamente histórica de Fernandes está a vontade de uma elite brasileira que aposta na morte do campesinato. KOLLING (1999, p.21)

Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto (...) de desenvolvimento que vê o Brasil apenas como mais um mercado emergente, predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção. (...) A situação da educação no meio rural, hoje, retrata bem essa visão.

O meio rural, e por extensão a educação rural, sofre com os preconceitos de um mundo cada vez mais urbanizado, no qual se cria o imaginário de camponeses inferiorizados, atrasados, enfim seres primitivos a serem “civilizados”. O que se esconde por trás dessa “criação de imaginário” é a sórdida tentativa de extermínio de uma cultura da população campesina, a qual produz diariamente a própria vida. Isto se expressa nos conteúdos ditados pela cidade, na mídia que apresenta o

camponês como ultrapassado, na própria fala de alguns pensadores, inclusive da educação.

Esta negação do campesinato é muito comum inclusive nos livros didáticos, pois estes não retratam de uma maneira consistente o campo brasileiro, mesmo quando ao menos o fazem, pois dificilmente aparecem nestes textos. Quando mostrados o são de uma forma romantizada ou desconsiderando as contingências campesinas.

SANTOMÉ (1998, p. 146) mostra isto com clareza na sua escrita

(...) raramente algum livro texto nos fala das dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem da agropecuária: das doenças dos animais e consequências, dos altos custos da criação, alimentação e cuidado do gado; das instalações adequadas e sua rentabilidade; das dificuldades inerentes à agricultura, das pragas que atacam frequentemente as culturas, dos desastres causados por mudanças climáticas imprevisíveis; das menores oportunidades (...) sanitárias e econômicas das pessoas que vivem nos meios rurais; das deficiências nas telecomunicações” [e nas redes de energia elétrica ou das deficiências e em outras tecnologias]. [grifo nosso]

Por outro lado, não queremos aqui enfeitar, romantizar o campo, o que também é muito comum nas falas urbanas. O SANTOMÉ (1998, p.145) também discute estas falas e a quem servem as referidas falas? As quais tratam o meio rural com uma pseudo ingenuidade romântica, “como vemos da natureza incontaminada e virgem, onde animais e homens vivem em perfeita harmonia, uma vida tranquila e relaxada, sem ruídos nem poluição e sem maiores problemas. Na verdade tais mundos representam os sonhos das pessoas urbanas”. Este discurso é muito recorrente no meio urbano, inclusive na Academia e serve principalmente para mascarar as diferentes realidades camponesas. Criar este imaginário não

deixa de ser uma forma de matar as possibilidades e limites do campo, com as suas peculiaridades histórico sociais.

A escola com professores urbanos, embora bem intencionados, acaba sendo envolvida nessa teia e torna a produzir esse ideário. Sendo pensada na cidade, busca o que entende como “melhor”, porque “se sobrepõe” ao campo, desvalorizando ainda mais a cultura campesina.



Fernanda, Sidiane e Tiago- 1º ano- construindo maquetes

Se há uma tendência institucionalmente sustentada de reduzir e homogeneizar o campo, há resistências a essas formas de reprodução. Noto, a partir da pesquisa e do envolvimento do corpo docente da escola nesta investigação, estes educadores começaram a perceber as contradições e também a querer buscar um currículo que contemple mais a realidade campesina.

Gramsci (apud HERBERT 2008, p.127) dizia que “A mudança proposta viria de baixo para cima.” Na escola, a medida que se busque conhecer e fortalecer a identidade das pessoas do local, se plantam sementes de resistência. Para HERBERT (2008, p.128). “É por meio de sacrifício e sérios disciplinamentos que, aos poucos, se moldam convicções que fazem brotar transformações da realidade material e espiritual construindo uma personalidade histórica daqueles que desejam vencer a luta contra a subjugação”. Isto é, a medida que as atividades

da comunidade escolar discutam e pesquisem as relações vivenciadas e que se manifestem mais ou menos problemáticas para as pessoas do local.

Buscar a comunidade como produtora desta investigação, além da própria investigação, é também uma forma de instrumentalizá-la na luta pela transformação. GRAMSCI (2006, p. 51/52) sustenta esse resgate do protagonismo das pessoas e de seu pensamento histórico no entendimento de que:

não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma todo o homem, fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou modificar uma concepção de mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar.

Desse modo, as pessoas do lugar são quem mais tem a contar e a contribuir, principalmente no que diz respeito às percepções que têm da realidade do entorno da Escola Astrogildo Pereira da Costa e às mudanças que se fazem necessárias.



Igor, Mauro, Elizeu e Tainã pulando corda

Durante esse tempo de pesquisa busquei esse contato e criamos uma cumplicidade que faz com que as pessoas queiram falar sobre elas, suas casas, suas famílias, suas produções, suas alegrias e tristezas, enfim sobre como percebem a construção da própria vida cotidiana, com seus enfrentamentos diários.



Crianças apresentando teatro para seus pais, fazendo crítica às queimadas

Para que a pesquisa fosse algo consistente eu entendi que necessitava conhecer as relações que as pessoas estabeleciam no local e a própria forma como esses camponeses percebiam essas relações em que estavam inseridos. Freire (apud BRANDÃO 1981, P. 35) chama a atenção o tempo todo para este cuidado

(...)Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos isolados. No meu ponto de vista, pensar dialeticamente a realidade concreta consiste não somente de fatos concretos e coisas (físicas), mas também inclui um processo no qual as pessoas envolvidas com esses fatos os percebem. Assim, numa última análise, para mim a realidade concreta é a conexão entre a subjetividade e a objetividade; nunca a objetividade isolada da subjetividade.

Percebo como imprescindível que os camponeses se reconheçam como produtores da própria vida e não como seres inferiores que precisam esperar que a cidade dite como deve ser essa produção. Muitas vezes o camponês introjecta a imagem do ser menos e, isso apareceu de forma clara para mim na pesquisa. Quando chegava em suas casas eles logo me diziam que não sabiam “falar” e que não tinham como contribuir numa pesquisa de universidade. Hoje, já está diferente e a cumplicidade que se criou entre nós faz com que me cobrem visitas em suas casas e que guardem fatos que entendem como relevantes para me contar, pois sabem que têm saberes diferentes dos que eu tenho, mas que sem dúvida não são menos importantes. O FREIRE (1981, p. 14) nos chama a atenção para esta lucidez: *“Se num grupo de camponeses conversamos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós”*.

FREIRE (1981, p.15) continua sua fala, dizendo: Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem um outro saber relativo.

Do mesmo modo, Gramsci coloca-se sempre com as pessoas e não escrevendo para elas ou por elas e entende que quem pode realmente fazer a revolução são as pessoas do lugar, desse modo não existe um espírito salvacionista que venha de fora para libertá-los. O nosso dever então é de colaborar com os questionamentos e talvez, de gerar mais dúvidas pois são as dúvidas e não as certezas que fazem com que se busque achar novos caminhos, buscar melhorias, entendendo que a história não está dada, mas que é construída o tempo todo.

## **Escola Municipal Astrogildo Pereira da Costa**



*Astrogildo Pereira da Costa*

**Astrogildo Pereira da Costa**, que deu nome a escola, nasceu em Herval no dia 04 de agosto de 1815 e morreu em 19 de janeiro de 1892. Filho do Capitão Astrogildo da Costa Pereira e de Maria Antônia da Silveira.

Mais tarde casou-se com Josefa Bittencourt Silveira. Sendo ele o segundo de nove irmãos. Foi militar brasileiro que lutou ao lado do pai desde os doze anos.

Astrogildo destacou-se como brigadeiro durante a Guerra do Paraguai. Em 1888 recebeu do Império o título Barão de Aceguá (título conferido pelo Império Brasileiro em 1888).

A Escola Municipal Astrogildo Pereira da Costa funciona em turno integral três dias por semana, segunda, quarta e sexta-feira. Quando esta pesquisa começou, em 2007, nos dias de aula os professores saíam de Herval às seis horas da manhã para dar tempo de fazer o trajeto do transporte escolar até a escola, já que as aulas começavam às oito horas da manhã. O transporte deixava os professores na escola e ia buscar os estudantes. Hoje, já temos outra realidade, pois o transporte está fazendo outro trajeto e busca só os estudantes. Os professores se organizaram de outros modo e vêm de carro. No, entanto esta mudança no trajeto fez com que o horário também fosse mudado, o que é muito complicado, principalmente para os estudantes do Assentamento São Vergílio, pois são primeiros a saírem de casa.



1ª visita à escola: Andréia, Catiúcia e Alessandra

No começo do ano letivo de 2007, a Escola contava com o total de vinte e sete alunos, cinco professores, uma merendeira e um motorista. Os alunos de primeira a quarta série eram atendidos por uma professora, a Catiúcia, totalizando dezessete estudantes. Os outros dez alunos, de quinta a oitava séries, eram atendidos por três professoras e um professor. Cada um ministrando mais de uma

disciplina. A Andréia, além de ser a diretora da escola, lecionava Espanhol e Artes, a Marlene trabalhava com Português e ciências, o Jairo Matemática e Educação Física e a Elza com História, Geografia e Ensino Religioso.

Em setembro mudou um pouco o quadro, pois foi nomeada uma professora, a Helena, que entrou no lugar a Catiúcia, a qual era contratada, para assumir a 1ª, 2ª e 3ª séries e a Nilza retornou de uma licença e assumiu a 4ª série.

Durante as visitas que fiz à escola Astrogildo Pereira da Costa tive oportunidade de ler os documentos da escola, como regimento escolar, projeto político pedagógico e calendário escolar. Nessa ocasião percebi que não havia algo específico do campo e muito menos relacionado à comunidade da Escola Astrogildo, nem mesmo o corpo docente participou da elaboração destes documentos. Era algo instituído pela SME para ser cumprido pela escola, nos tempos e espaços que a mantenedora tivesse estipulado.



Sala de aula cheia

Por outro lado, o convívio com os alunos, professores e funcionários, nas aulas, no recreio, na partilha do almoço, sentindo a energia boa das brincadeiras da gurizada, percebi muitas coisas em comum com escolas e alunos da cidade, com

os quais trabalho, inclusive nas roupas e celulares, que se assemelham muito aos urbanos.

No aspecto burocrático o planejamento e os conteúdos são muito semelhantes, quando não iguais aos urbanos. Perguntei para a Andréia, diretora, se havia algum conteúdo mais específico da escola rural, ela me informou que os conteúdos são enviados pela Secretaria Municipal de Educação, como ela mesma diz “levados da cidade para lá”, além da maioria dos professores serem urbanos e morarem na cidade.

No entanto, já era perceptível a boa vontade dos professores em buscar valorizar os saberes de experiência feita. Inclusive demonstrando interesse de estudarmos juntos. Já existiam algumas propostas, embora que ainda isoladas, neste aspecto.



Professora Elza com estudantes de 5ª a 8ª séries - 2007

Os professores, embora - como ressaltava a então diretora-, em sua maioria fossem urbanos, tinham ligações próximas a escola rural. Ou seja, a professora Helena foi estudante de escola rural e também professora e, hoje retornou e está morando no meio rural. A professora Elza conta que passou grande parte de sua carreira trabalhando em escola rural. A própria diretora dessa época, a Andréia, do mesmo modo, inclusive começou a sua docência como professora rural.

A professora Nilza contava-me de que forma aproveitava o conhecimento deles, utilizando-se de informações de fatos que estão acontecendo no mundo através do rádio e da TV, procurava textos que troxessem temas da vida do campo,

que falassem sobre a natureza e, ainda sobre os valores humanos, como amizade, respeito, para trabalhar os conteúdos sugeridos pela escola.

Num dos encontros propus como atividade que fizéssemos um exercício de memória para lembrarmos de como nos tornamos professores, para pensarmos um pouco sobre a nossa profissão. As professoras Nilza e Helena gostaram da proposta e relataram:

Professora Nilza contou: "Quando eu era criança não tinha definido realmente o que queria ser quando fosse adulta. Eu não imaginava que seria professora na fase adulta, mesmo tendo uma admiração muito grande por essa profissão e pelos professores que tive durante o tempo de estudante.

A minha primeira professora Zaira Dutra Mendes que a chamavam pelo apelido de 'Duduca'. Foi que me alfabetizou e me lecionou até a 3ª série. Tudo que aprendi durante esse tempo ficou na minha memória e relembro com saudade.

Depois, muitos outros professores e professoras que passaram pela minha vida, durante o período que fui aluna me marcaram e, deixaram um pouco de suas vidas e suas experiências em mim. Isto me fez decidir o que eu seria no futuro e qual seria a minha profissão.

Sempre gostei muito de livros e também de ensinar, então optei por ser professora.

Hoje penso que ser professor não é fácil, mas é gratificante ver o resultado do nosso trabalho".

Já a professora Helena relatou:

Comecei a minha trajetória de estudante nesta escola. A minha primeira professora trabalhava aqui, onde hoje dou aula. Por isso estou sempre falando à diretora que trabalha aqui comigo, que eu amo esta escola. Mas a minha primeira professora era brava e tinha um tom de voz muito áspero. Quando eu entrei na escola, eu tinha muito medo de ir de castigo, mas aos poucos eu fui me dando conta do quanto ela esforçava-se para que eu aprendesse.

A decisão de ser professora tem muito à ver com o trabalho da professora Iolanda comigo.

Casei e fiquei um tempo sem estudar. Alguns anos mais tarde voltei a estudar.

Como eu já era adulta e mãe de filhos. Estudava e trabalhava, já dando aula, eles colaboraram muito comigo. Essas coisas ficam gravadas na minha memória para o resto da vida.

Os outros professores não chegaram a escrever, mas ficamos discutindo a importância do exemplo de alguns professores para as nossas vidas profissionais, assim como foi para mim a professora Marta.



Fila da merenda

Falar da Astrogildo é também falar da dedicação que a Alessandra, que era merendeira em 2007 e 2008. A Alessandra tinha presente consigo que ofertar a merenda era também educar. Fazia uma comida muito gostosa e tinha o cuidado de ofertá-la com carinho e dedicação aos estudantes, professores e funcionário.

## Modificações na escola



Escola Municipal Astrogildo Pereira da Costa

Quando começamos a pesquisa na Astrogildo a escola estava em condições muito precárias, principalmente no que diz respeito ao aspecto físico do prédio. Numa das minhas visitas encontrei a Andréia muito preocupada, pois havia caído um tijolo no pé de um aluno arrancando-lhe a unha, mostrando a urgência dos reparos na escola.



Celmar e Jorge Antonio na reforma da escola

Em outubro de 2007, numa das minhas visitas à escola, tive a grata surpresa de encontrar a Astrogildo já em reforma. Encontrei a escola diferente, pois havia

pedreiros fazendo reparos, que realmente eram fundamentais. Trocaram portas, fizeram à instalação elétrica nova, pintura por fora do prédio. A escola já estava com outra cara. Os protagonistas desta reforma foram os senhores Celmar e Jorge Antônio. Dois artistas da construção.

Fiquei muito feliz ao perceber este cuidado, já que o ambiente também é educativo e ao conversar com os estudantes e professores via claramente o entusiasmo deles em relação às modificações na Astrogildo.



Dia 30 de abril de 2008, quando retornei a Escola, me inteirei da organização das turmas e de cada professor, tendo ficado deste modo:

Elza em história e geografia 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries e ciências e religião de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Aline em Português, História, geografia e religião 5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries. Andréia em Espanhol e Arte de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Jairo em Educação Física e Matemática de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Helena no 1<sup>o</sup> ano do ensino fundamental dos 9 anos e 3<sup>a</sup> série e Elenice na 4<sup>a</sup> série. Neste ano não tinha 2<sup>o</sup> ano de 9 anos nem 2<sup>a</sup> série de 8 anos de ensino fundamental.



Aula da Professora Aline

### Trajetos do transporte escolar



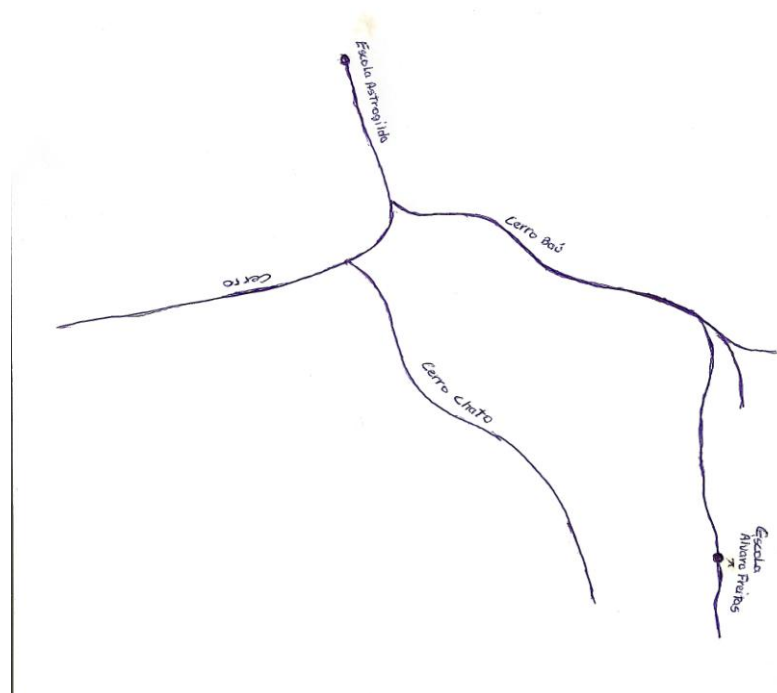
Seu Abel e a Kombi do transporte escolar

Em 2007, o motorista da Kombi era o seu Abel. Ele deixava o pessoal que vinha da cidade e saía para trazer o aluno Leonel, que morava no Cerro Partido, a vinte quilômetros de distância da escola. Depois, seu Abel, ia buscar os oito alunos do Cerro do Baú, que eram os que moravam mais distantes da escola, (uns quinze quilômetros mais ou menos). Então, ia para o Cerro Chato trazer sete alunos, deixava-os na Astrogildo e ia próximo à cidade, no assentamento São Vergílio, de onde trazia oito alunos. Este trajeto era feito cedinho da manhã, para começar as aulas às oito horas.



Estrada do Assentamento São Vergílio

Após o contato com a parte da comunidade que é mais presente na escola, com a intenção de possibilitar um mapeamento do espaço, bem como uma maior aproximação da comunidade do entorno da Escola. fui fazer o trajeto do transporte escolar que levava os alunos até suas residências.



Mapa que localiza as duas escolas

Esse trajeto, em 2008 já era um pouco diferente, pois abrira a escola Álvaro Freitas, na localidade de Cerro Partido e, desse modo o transporte não precisava mais ir até essa localidade. Mas, mesmo assim seu Abel fazia várias viagens a partir da escola para levar os estudantes para casa.

Os primeiros alunos a serem levados até suas casas eram os do assentamento São Vergílio, que fica bem próximo da Escola. Neste percurso, de casas muito próximas, primeiro descia o Wladimir Junior, depois o Rudinei, a quatro quilômetros, em seguida o Elizeu, a Caroline, a Carine e o Igor Bruno, depois a Elizandra, o Alonso, a Caroline Leite e o Igor Marques, a seis quilômetros. Os estudantes fizeram questão de mostrar onde moram e de gentilmente me convidar para visitá-los.

Após esse trajeto o seu Abel retornava à escola para levar para casa os alunos da localidade chamada Patrocínio. O Arom era o primeiro a ficar em casa a

seis quilômetros da escola, depois o Welliton, a Fernanda Gabriele, a Veridiana, o Natanael, a Shaiane, e por último ficavam o Érico e o Ecar a quinze quilômetros.

Depois retornamos à escola, já que eu tinha ido junto com ele, o Olíver, que era o motorista nesse dia, para levar os alunos do Cerro do Baú. Primeiro ficava o Eduardo a seis quilômetros, depois a Samanta e a Virginía, a Viviane, o Mauro e a Juliana a quinze quilômetros.



Leonel e a sua lanterna companheira

Por último, em 2007, ia o menino Leonel para o Cerro Partido, o qual para chegar em casa percorria vinte quilômetros com a Kombi e mais um bom trecho a pé. Este menino caminhava mais ou menos uma hora para chegar em casa, tendo como companhia apenas uma lanterna, já que no inverno tanto pela manhã como à tarde é muito escuro e a caminhada se estende. Hoje ele não está mais na escola em virtude da reabertura da Escola Municipal Álvaro Freitas no Cerro Partido.

O seu Abel fazia o percurso dos estudantes duas vezes por dia, a primeira vez para levar-lhes até a escola e no fim do dia para deixá-los em casa. Às seis horas ele saía da cidade e retornava às dezenove horas e vinte minutos, depois de rodar noventa e seis quilômetros.

Às vezes seu Abel era substituído pelo Oliver. O Oliver é um moço falante e, enquanto conversávamos, eu observava o cuidado dele ao dirigir, nas estradas de

chão, daqueles invernos chuvosos, a sua preocupação com a segurança das crianças e o zelo com que fazia o seu trabalho. Falava-me do preparo que eles tinham que ter para desempenhar esta função, o que ele realmente aprendeu e realiza com competência.

O seu Abel conhecedor do trajeto, fez o mapa do percurso para mim. Mais tarde trabalhei esse mapa com os estudantes.

No trajeto da entrega das crianças encontrei ex-colegas e amigos, que não via há muito tempo. Retornar ao Herval sempre foi muito bom. Além disso, neste momento da pesquisa tive a oportunidade de ver, falar, abraçar, saber notícias, propor parcerias e discussões com alguns conterrâneos, velhos amigos perdidos no tempo e no espaço, e ainda de conviver com novos amigos.

Em 2008, o seu Abel foi substituído pelo Hermógenes, que é solidário, paciente e entusiasmado com a educação, sempre disponível a contribuir com a pesquisa. Lembro-me do dia 05 de setembro de 2008, quando nevou em Herval, e atravessamos juntos aquele percurso gelado. As suas queixas eram apenas de frio, mas a sua conversa calorosa e animada, inclusive com os estudantes amenizava a sensação gelada.

### **As Famílias...**

As chuvas de nosso inverno sulino foram intensas tanto em 2007, quanto em 2008. Várias visitas que fiz foram abaixo de muita chuva, a começar da primeira.

A partir destas andanças fomos criando mais cumplicidade e tivemos longas e boas conversas. Fui contando um pouco de mim, de minha infância camponesa e eles também, ao mesmo tempo em que falamos de hoje em dia e das modificações que vão acontecendo, umas guiadas por nós e outras contra a nossa própria vontade.

Nesse movimento da pesquisa foi possível evidenciar várias diferenças entre os camponeses assentados e os tradicionais da região de Herval. Os pais da escola dividem-se em camponeses tradicionais, naturais de Herval, e em camponeses do Movimento Sem Terra, estes assentados no São Vergílio. Por exemplo, uma

questão muito evidente é quanto ao tipo de atividade produtiva. Notei que os camponeses assentados trabalhavam com alguns produtos agropecuários para a venda (mercadorias) e outros só para o sustento, vendendo o excedente, com destaque para a produção de leite. Os camponeses tradicionais da região trabalham mais com a pecuária, com algumas vendas e, praticam uma agricultura apenas para a subsistência.

Já na segunda ida à escola questionei a Andréia a respeito da participação dos pais na escola e ela me disse que poucos vão à escola e que ela não sabe o motivo, mas que entende que são muito ocupados, pois o trabalho é árduo e demanda muito tempo. Conta-me que as reuniões acontecem no final dos bimestres e que são feitas em etapas e por região, em função do transporte escolar. Desse modo, segundo ela não é possível reunir todos os pais da escola num mesmo momento. A diretora diz ainda que os pais tem acesso aos programas da escola apenas através dos cadernos dos filhos.

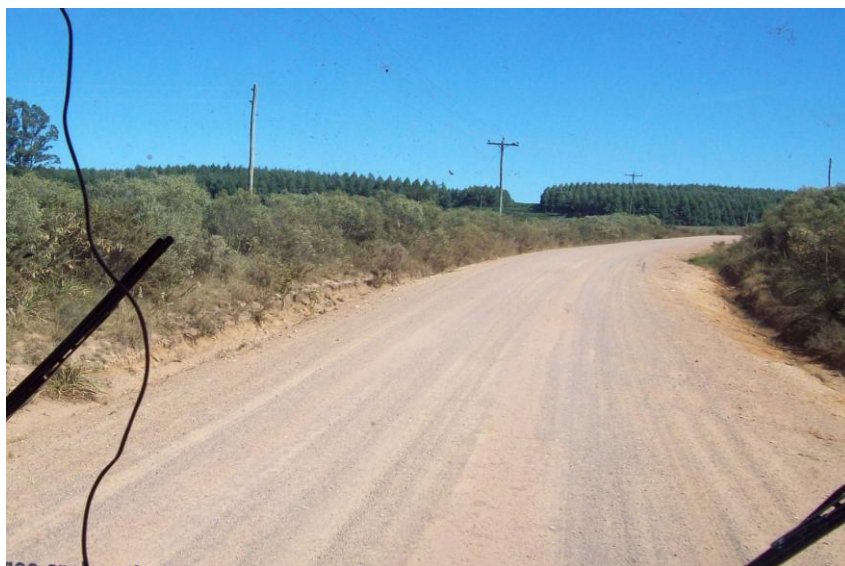
Nesta situação lembrei-me do Vítor Paro ( 1996, p. 306) que diz

um argumento, bastante recorrente (...) para explicar a fraca participação da população na escola é o de que a população se mostra “naturalmente” avessa a todo o tipo de participação. Termos ou expressões como 'desinteresse', 'comodismo', 'passividade', 'conformismo', 'apatia', 'desesperança' e 'falta de vontade' foram constantemente utilizados para retratar a (falta de) disposição dos usuários em participar na escola.

No entanto, ao entrar em contato com os pais, solicitavam reuniões gerais para que pudessem discutir, todos juntos, a escola. Reivindicavam também mais espaços para recreação, como cancha de futebol, demarcação de amarelinha, balanços, enfim. E também banheiros, já que só tem um. Tinham observado a escola e dela tinham informações pelos filhos.

Esta situação de reunião está sendo modificada, pois o município recebeu, do governo federal um ônibus, em agosto de 2008, o que possibilitou o transporte

de forma mais coletiva, para que todos os pais possam estar presentes na escola ao mesmo tempo. Conseguimos realizar reuniões após esse ganho, tanto no final de 2008 quanto no começo do ano letivo de 2009.



O caminho...

No dia 14 de setembro de 2007, enfrentei o rigor do inverno hervalense e comecei as visitas às famílias. Durante o dia todo caía uma chuva fria e mansa, a qual foi minha companheira de percurso de mais ou menos seis quilômetros.

Na primeira visita fui muito bem recebida na casa dos avós do Igor Marques, da 3ª série, Alcides Adão Marques e Maria da Graça Marques. Foi muito bom para mim ter reencontrado o Alcides, velho conhecido, desde os tempos de criança, quando eu ainda morava no Passo D'areia. Do mesmo modo foi muito agradável ter conhecido a Graça. Eles logo me convidaram para um gostoso chimarrão e conversamos longamente. Os avós do Igor fazem questão de me contar sobre as dificuldades do Igor na *“leitura, nos cálculos e de alguns conhecimentos de estudos sociais e ciências”*. Me contam que a principal atividade do menino é estudar, embora tenha outras. Falam sobre a importância da educação para Igor, que segundo eles *“precisa muito da escola, porque as professoras são*

*especializadas para esse tipo de educação que em casa não tem. Apesar disso pensamos que a educação que tivemos na escola era bem melhor do que a atual”.*

Contam que estudaram, ele até a 5ª série e ela até a 4ª e enfatizam que o estudo lhes ajudou muito, mas para o casal a educação escolar de hoje está muito pior. Conversamos bastante sobre a escola e eles reclamam a falta de reunião, de *“um contato mais próximo”*. Queixam-se de um certo isolamento, dizem que não tem reuniões com grupos locais, ficando apenas as reuniões de igreja na cidade. Falam que o pessoal mais próximo é do assentamento e que como eles não fazem parte do São Vergílio não são convidados às reuniões, mas que se dão bem com todo mundo. Notei que houve avanço de aproximação deste casal com os outros pais a partir das reuniões que passamos a fazer na escola.

Alcides e Graça falam com orgulho do trabalho, que é principalmente com a pecuária para a venda e produção de leite para casa e trabalham ainda com plantação de hortaliças para o consumo da família e de pastagens para a alimentação dos animais. Gostam da vida do campo, no município de Herval, onde sempre viveram. Os dois são da localidade do Jaguarão Chico, no mesmo município, embora morem agora no Cerro.



Casa de Alcides e Maria da Graça

A segunda família que visitei foi a da dona Odila e do seu Jorge Silva, que são os pais do Elizeu, que era então aluno da 5ª série. Esta família é assentada no Assentamento São Vergílio. Quando cheguei só a dona Odila estava em casa, porque o seu Jorge estava trabalhando. Expliquei a pesquisa e ela ficou feliz em poder fazer parte deste projeto e achou muito importante o registro sobre a história das famílias da escola.

Estávamos numa conversa animada quando entrou o seu Jorge, que logo se apresentou e me disse que estava *“aproveitando a garoa para trabalhar”*. A dona Odila perguntou-me se eu só vou onde tem aluno e eu respondo que sim, pois a pesquisa é no entorno da escola e também pela questão do tempo e dificuldade de acesso. Então, pacientemente, eles me mostraram as casas da redondeza que têm alunos.

O casal é bem falante, o que nos proporcionou prazerosas conversas. Eles gostam de contar a própria história, ficamos conversando por um longo tempo. Contaram-me que estudavam no campo e que iam a pé para a escola. Escola esta que não era muito longe, mas já tinham que levar alguma coisa de casa para comer, pois na escola não tinha merenda, como agora, mas às vezes era difícil, porque em casa também não tinha.

Dona Odila diz que sempre foram pobres e que era de uma família muito grande, com oito irmãos. Lembra com pesar que *“a mãe ficou doente, a partir dos trinta anos e já faz bastante tempo que morreu, aos sessenta e sete anos”*. Faz uma pausa e retoma com o olhar longe nas lembranças e, prossegue dizendo: *“me telefonaram pedindo para ir, mas eu também estava doente, estava até no hospital e não pude ir”*. *“Depois [lembra dona Odila], quando o meu pai faleceu, com problemas no coração, também eu estava doente e não pude ir isto em 2001. Tenho esse sentimento, essa dor de não ter estado presente nesse momento e... sinto muito a falta deles”*, diz ela com a voz embargada.

Questionei sobre a escolarização dos dois, dona Odila logo respondeu: *“Eu estudei só até a 2ª série, porque não enxergo bem [desculpa-se ela] e, por isso não consigo ver os cadernos [desculpa-se]. Mas, [prossegue dona Odila] penso que a*

*educação é muito importante. Educação e respeito se aprende em casa, mas a educação escolar é muito necessária e nada substitui a escola”.*

*Já o seu Jorge contou: “Estudei até a quarta série, fiz completa [orgulha-se]. Não fiz mais porque naquele tempo, a gente tinha que trabalhar, eu queria estudar, mas tudo era longe, não é? A cidade era muito longe e lá fora só tinha até a quarta série, mas eu queria muito estudar. Tinha que trabalhar, trabalhar muito, tinha que ir para a lavoura e os antigos tinham muito a idéia de que ‘pra se defender já dá’”.*

*E ele prossegue dizendo: “eu, desde pequeno, com sete anos, já comecei a trabalhar na lavoura com o meu pai, como se fosse adulto”. Seu Jorge não fez essa fala com tristeza ou mágoa e sim com uma espécie orgulho, e arremata dizendo: “ainda bem que aprendi a trabalhar porque não me adiantaria apenas o estudo, ainda mais hoje em dia, quanta gente desempregada, não é mesmo”?*



*Vista da casa da dona Odila e do seu Jorge*

Falam-me ainda nos encontros no assentamento que são principalmente na comunidade Católica da São Vergílio, nas festas na sede com o jogo de bocha, mas do mesmo modo que o Alcides e a Graça, reclamam da falta de reunião geral na escola. Prometi levar esta solicitação à escola, e levei. Despedimos-nos então. Saí com a sensação de ter revisto velhos amigos, embora estivesse os conhecendo nesse dia.

No dia 05 de outubro de 2007 quando voltei na Astrogildo encontrei a escola apreensiva, pois havia caído um tijolo no pé de um menino, que fez com que ele perdesse inclusive a unha. Tanto a mãe, quanto a professora e a diretora estavam muito preocupadas com o caso e já buscavam a solução junto a Secretaria da Educação. A SME entendeu a preocupação da escola e este fato gerou uma boa reforma na Astrogildo.

No dia 14 de março de 2008 retomei as visitas de entorno da escola. Fui no Assentamento São Vergílio. Primeiro estive na casa da Eliane e do Jocemar, que são pais da Caroline da 7ª série. O casal me solicitou identificação da Universidade, pois segundo eles muitas pessoas dizem que vão até os assentamentos fazer pesquisa, ouvem o que eles contam e distorcem o que foi dito deixando-os numa situação incômoda. Mostrei-lhes a apresentação da Universidade e tivemos uma longa e produtiva conversa.



Casa da Eliane, do Jocemar e da Caroline

Os pais queixam-se da dificuldade de educar os filhos, advertindo que quem cria as leis, desconhece a realidade. E que o que para o Conselho Tutelar é trabalho infantil, por exemplo, para os camponeses é educação para o trabalho. Queixam-se ainda que “*o Conselho Tutelar fica o tempo todo em cima dos assentados*”. Novamente aqui aparece o desconhecimento da realidade local. Quero enfatizar que concordo que para o campesinato o trabalho tenha cunho

pedagógico, desde sempre. É lógico que não estou defendendo a exploração do trabalho infantil, mas auxílio nas lides de campo, das quais sempre participei com minha família e que não me trouxeram problema algum.

Já na estrada avistei dois homens e ao chegar mais perto reconheci um deles, o seu Jorge. Foi a minha sorte. Pois eu pensei que poderia avançar nas visitas e eles com o saber local de experiência feita, me alertaram de que a chuva estava muito próxima e que eu teria que chegar rapidamente na casa do seu Jorge e da dona Odila. E assim aconteceu.

Logo que entrei na casa a chuva desabou. Nesta segunda visita a esta família fiquei muito preocupada, pois seu Jorge tinha quebrado a clavícula trabalhando. Sentia muita dor, mas continuava suas tarefas diárias, sem atendimento médico. Falavam ainda que estavam temerosos, pois a fonte de renda da família é o leite e, *“é ele que tira”*. Fiquei muito preocupada com a situação desta família. Alertei que procurassem o posto de saúde o mais rápido possível.

No entanto, na ida seguinte fiquei sabendo que ele continuou trabalhando sem atendimento médico. Nesse dia saí muito angustiada pelo sentimento de abandono em que vivem alguns assentados, até mesmo em relação a esclarecimentos de como podem ter encaminhamentos mais agilizados para sanar seus problemas.

Ao sair da casa do seu Jorge e da dona Odila, fui visitar a dona Luiza, mãe do Rudinei, que estava então na 7ª série. A dona Luiza me contou que era viúva e que criava os filhos sozinha, mas que não era uma tarefa fácil.

Queixa-se que a escola mantinha um certo distanciamento da comunidade e que em Herval, segundo ela, ainda tem muito preconceito contra os assentados. Reclama da falta de reunião na escola, diz que gostaria de saber mais o que acontece com as crianças na escola, mas que segundo ela *“as professoras escondem”*, e reafirma, *“eu gostaria de saber mais do que o meu filho faz na escola. Falta reunião. As professoras não se aproximam de nós”, [ênfatizava a falta de reuniões]*. *“Gostaria de estar mais ao par das coisas”*. Faz uma ressalva de que

entende que as professoras ensinam bem, mas que tem um distanciamento entre escola e comunidade

No dia 12 de maio de 2008 quando estive na Astrogildo tive a oportunidade de me reunir e de conversar novamente com os pais, bem como de conhecer outros que ainda não conhecia. Aproveitei esta reunião para fazer a solicitação de que me autorizassem a utilizar neste trabalho de dissertação o nome, as fotos e as falas de seus filhos. Os pais aceitaram que essa divulgação fosse feita e, inclusive ficaram felizes de ter esse registro tanto deles quanto dos filhos nesta escrita.



Casa da dona Ilma, do seu Oralino e do Igor Bruno

Na ocasião conversei com dona Ilma de Fátima e o Sr Oralino, pais do menino Igor Bruno (aquele que perdeu a unha, no ano passado, em função da queda tijolo).

Dona Ilma e seu Oralino contaram das culturas que desenvolviam no assentamento São Vergílio, que eram, principalmente feijão, abóbora e amendoim. Me disseram que a escola era muito importante e que os dois não tiveram muita oportunidade de estudar; ambos estudaram apenas até a 2ª série.

Seu Oralino desabafou que gostaria muito de estudar e que se ainda tiver oportunidade estudará. Me contou que ouviu falar que ia um EJA à noite no Assentamento, o que não o impediria de trabalhar durante o dia e que ele seria o primeiro candidato a estudante. Para a felicidade de seu Oralino a Pedagogia UFPel/EAD estava com um projeto de EJA que o contemplaria, assim como todos os que não tiveram oportunidade de estudar antes e queriam voltar a estudar. Assim que abriu o EJA seu Oralino, como já havia anunciado, recomeçou seus estudos. No entanto, na reunião que tivemos em março de 2009 ele me disse com tristeza que não conseguiu vencer o cansaço do trabalho e estudar à noite, pois o EJA fica muito longe da sua casa.



Dona Ilma, Igor Bruno e seu Oralino

Ainda nesse mesmo encontro conversei com a Rosemeri, que é mãe da Virgínia e da Samanta. A família mora no Cerro do Baú. Eu já havia falado com a Rosemeri em vinda anterior na escola. Ela conta que a família tem como base da economia a pecuária, (queijos, ovos que vendem na cidade), mas que na horta, que fica lisonjeada em contar, plantam todo o tipo de hortaliça, que utilizam no consumo da casa.



Rosemeri e Samanta na escola

Rosemeri queixa-se que seguidamente falta de energia elétrica, e que mesmo com reclamações a CEEE custa a voltar, causando transtornos, como putrefação dos alimento no freezer e na geladeira. Outra queixa que apresenta é que antes vendiam carne de porco na cidade, mas que ficou inviável esta atividade, já que a exigência da fiscalização é muito burocrata e solicita requisitos que eles não têm condições de atender. Lembrando ainda que inclusive para o consumo da própria família está difícil carregar carne.



Rosemeri e Cláudia – as mães presentes na escola

Ainda neste encontro dialoguei com a Cláudia Regina, mãe do Mauro, da Juliana e da Sidilaine. Esta última entrou na escola em 2008 no 1º ano. E também do Otávio, que tem 3 anos. Cláudia me contou que moram no emprego, para

ajudar na renda da família vende ovos, e planta a horta para o consumo. Eu já havia conversado com a Cláudia em momento anterior na escola.



Juliana vindo embarcar no transporte escolar

Conheci a Rosália, que é mãe da Fernanda, que era, em 2008, estudante do 1º ano, moradora do Cerro do Baú. Rosália tem o ensino médio. Ela e o marido moram no emprego, ele é capataz e ela cozinheira. Na nossa conversa, ela me disse que é muito bom morar no campo - ela acha muito parecido com Herval - por ser tranquilo. A Fernanda já está alfabetizada, pois a Rosália a ensina em casa. A menina gosta de auxiliar a professora com os colegas, na identificação das letras, mas me diz que: - “não é fácil ser professora”. A Fernanda vai a cavalo até a estrada para embarcar no transporte escolar.



Rosália – mãe da Fernanda

Conversei também com a Cinéia, mãe do menino Tiago aluno do 1º ano. Nessa época tanto ela quanto o menino, eram novos para mim, pois os conheci em 2008. A Cinéia me contou que estudou até a 4ª série. O pai do Tiago é o Paulo e ele estudou até a 8ª série. A família mora no assentamento São Vergílio.

Ela é natural de Jóia e ele de São Miguel. Cinéia contou-me que vivem da agricultura e do leite, mas que o preço do leite oscila e queixou-se que chegou a R\$ 0,30 o litro, mas que naquele momento, maio de 2008, a cooperativa estava pagando R\$ 0,53 o litro, porque havia diminuído a produção do leite, com a aproximação do inverno, em virtude da diminuição do pasto.

Conheci também a Zoraide e o Luiz, pais da Fernanda, aluna da 5ª série. Esta família também é moradora do São Vergílio. A Zoraide me contou que estudou até a 5ª, já o Luiz estudou até a 2ª série, porque teve que parar para trabalhar.

Contam que são ambos de São Miguel e que nem conheciam aqui, o sul, quando vieram para cá. Falam com orgulho que “*plantam milho, feijão, de tudo um pouco, e que vendem o excedente*”. O casal também vende leite por intermédio da cooperativa.

Ainda nesse encontro conversei com a Joselaine, mãe do Welliton, então aluno da 3ª série. A Joselaine conta que estudou até a 7ª série e que seu marido Vilson, estudou até a 3ª série, mas que ambos querem que o filho estude bem mais. Os dois são de São Miguel das Missões, mas moram no assentamento São Vergílio, na estrada que vai para o Cerro Chato. Também trabalham com lavoura bem variada, com horta e estão na rota do leite.

Segunda-feira é um dia em que tenho muitas atribuições em Pelotas, o que me dificulta de sair a campo, no entanto o pessoal lá da Astrogildo achou que seria importante eu estar presente na festa do dia das mães na escola. Desse modo neste dia, 12 de maio de 2008, deixei de lado os outros compromissos para comemorar com eles e, também conhecer o calendário escolar de 2008.

Tive o prazer de rever a Ilma de Fátima e Oralino, pais do Igor Bruno, a Rosemeri, mãe da Virgínia e da Samanta, Cláudia Regina Escobar Farias, mãe do Mauro, da Juliana e da Sidilaine (esta última entrou no 1º ano de 9 anos em 2008), Joselaine e Vilson da Rosa, pais do Welliton e de conhecer Vera e João, pais da Viviane, Cinéia mãe do menino Tiago aluno do 1º ano, Zoraide e Luiz, pais da Fernanda e Rosália, mãe da Fernanda também do 1º ano. Conversamos sobre diversos assuntos, mas falamos mais sobre a escolarização e a produção sócio-econômica deles. Tematizados nas conversas com eles nas visitas já feitas.

No dia 15 de agosto de 2008, voltei à Astrogildo e foi muito proveitosa a minha ida até lá. Tive a felicidade de encontrar o Carlos Hemogénes, motorista do transporte escolar, que se dispôs com a muito boa vontade de me levar.



Ônibus novo para o transporte escolar – governo federal

Fomos primeiro no Cerro do Baú na casa do Silzo e da Rosimere, pais das alunas Virgínia da 5ª série e da Samantha da 4ª série. A minha conversa foi somente com a Rosimere pois o Silzo estava para as lides no campo.

Conversamos muito sobre a escola. Para a Rosimere o bom da escola do campo era que ficava com as filhas perto, sem ter que abandonar o campo. Me disse que a educação em geral estava um pouco fraca e isto “*não só no campo mas, em todo o lugar*”, ressaltou ela.

Rose, como gosta de ser chamada, me contou que ajudava o marido, principalmente no cuidado com os animais e a tirar leite. E também em produzir o que era transformado em renda familiar, como queijo, doces, ovos; produziam no campo para vender na cidade.

Rosimere me disse que várias vezes ela e as meninas ficavam sozinhas, tendo um pouco de receio, já que a propriedade é na beira da estrada e, nas palavras da Rose, “*o campo não é mais tranquilo, seguidamente tem acontecido violência contra as pessoas. O Silzo trabalha fora botando uréia nas pastagens para aumentar a renda*”. Ainda ficamos por um bom tempo conversando sobre as

lides diárias no campo. Depois de longa conversa nos despedimos e eu continuei o meu caminho.

A próxima casa em que visitei foi na fazenda de Gláucia Vieira, que mora em São Paulo e vem uma vez por ano. Na fazenda moram, em uma casa paralela a casa principal, Sidnei e Claudia, pais de Juliana, 5ª série, Mauro 6ª série e Sidiane 1º ano, estudantes na Astrogildo. O Sidnei era empregado da fazenda. A Claudia não tinha nenhum vínculo empregatício, colaborando com as lides diárias, plantando na horta que contribuía na qualificação da alimentação da família, colhendo ovos tanto para o consumo quanto para vender o excedente. A família tinha quatro filhos, sendo que o Otávio ainda não estava na escola, pois tinha apenas três anos.

No dia 05 de setembro de 2008, voltei na Astrogildo. O dia estava muito frio. Naquela manhã gelada peguei carona no ônibus escolar, que era então a grande novidade da Escola Astrogildo, pois, fazia pouco tempo que o governo federal mandara este novo transporte.

Ao chegar na Astrogildo os professores da escola que vieram de Herval, desceram e eu permaneci no ônibus fazendo o trajeto para ir buscar os alunos. O primeiro lugar em que fomos, eu e Hermógenes, que nesta época já era o motorista do ônibus, foi no Cerro do Baú. A primeira aluna a entrar no ônibus foi a Viviane da 5ª série, logo após foi a Juliana, e depois as irmãs, Samanta e Virgínia. A viagem continuou, fomos para o local chamado Cerro Chato, onde era meu destino de visitas, pois era um local que eu não havia visitado.

Na casa da Shaiane, ela entrou no ônibus para ir para a escola e eu fiquei com avó dela, a Marilene, que gentilmente me convidou para ir até a casa deles. Caminhamos um pouco no campo até chegar na residência, conversamos bastante no trajeto, já éramos velhas amigas. Marilene me falou dos filhos, do marido, de seus pais, enfim conversamos muito, até que chegamos na residência da família.



Cacheco e Marilene – avós da Shaiane

A Shaiane mora com os avós desde pequena e segundo a Marilene gosta muito da vida no campo, da lida com os animais, inclusive tinha alguns guachos que eram criados por ela. Soube do gosto que a menina tinha pela escola e do carinho e amizade que tinha com seus colegas e professora. Marilene, me falou da economia familiar, dizendo que a maioria das coisas produzidas por eles, como hortaliças, leite, ovos é para o consumo, não vendem. O que produzem para vender são ovelhas, lãs e gado.

A conversa, que começou no caminho com a Marilene, se estendeu no chamarrear com a família dela, com Cacheco (apelido do Luís Alberto, marido da Marilene), avô da Shaiane, com a Luciana que é mãe da menina. Ficamos por um bom tempo nesta conversa matutina. Lembramos inclusive, que há alguns anos a Luciana tinha sido minha aluna em Pelotas. Era um lugar muito agradável de se estar.

O Hermógenes retornou, pois já havia levado todos os alunos para a escola e vinha me buscar para dar sequência às visitas no Cerro Chato.



Zoraide e Gabriel

A segunda casa que fui nesse dia foi no Assentamento São Vergílio, das estudantes Fernanda Gabriela, aluna da 5ª série e a Ana Carla do 1º ano (a Ana Carla é irmã da Zoraide, que é mãe da Fernanda Gabriela). Esta família é de São Miguel das Missões.

Tivemos uma boa conversa, regada a chimarrão. Zoraide me contou que vendia mais ou menos 500 lts de leite por mês e alguns produtos que eles plantavam, como milho e o feijão.

Zoraide falou do marido que é o Luis, dos filhos Fernanda e Gabriel e da irmã Ana Carla que veio passear e ver a família. A Ana Carla acabou ficando e estudando aqui em 2008. São Miguel é muito distante, desse modo teve que esperar as férias de verão para poder voltar para casa. A Ana Carla, no entanto, não reclamava desta situação, mostrava-se à vontade na casa da irmã.

Contou-me que as meninas gostavam muito da escola e que queriam muito aprender. Após a conversa fui me despedindo para seguir minha viagem, pois o

Hermógenes me esperava, naquela manhã muito fria e, havia previsão, que se confirmou, de chuva.

A próxima casa que fui nesse dia foi a do Tiago, aluno do 1º ano da Astrogildo. Fui recebida pela mãe dele, Cineia.



Cineia e Paulo

Cineia é natural de Jóia, e o seu companheiro Paulo, que também chegou para conversar é de São Miguel da Missões. O casal tinha três filhos, O Tiago de 6 anos, o João Paulo de 3 anos e o Bruno de 11 meses.

A Cineia falou que estudou até a 4ª série e o Paulo até a 8ª série. Falaram do que produziam para o consumo e para vender. A família vendia mais ou menos 800 lts de leite por mês, pelo preço de R\$ 0,48. Produziam e vendiam ainda milho, feijão e abóbora.

O casal também reclamou da educação, que para eles é muito atrasada, falaram no Tiago, dizendo que já estando em setembro o menino ainda não estava lendo nada. Disseram ainda, que achavam *“muito pouco os alunos terem somente*

*três dias de aula por semana*". Segundo eles *"deveria ter aula todos os dias, para os alunos aprenderem mais"*. Entendem também como *"absurdo ter sido um mês de férias em julho"*. Eles ficam sempre comparando com o município natal de Cineia, que *"tem até o 2º grau no campo e as aulas são todos os dias da semana"*. Que *"se seguir assim a sorte de seus filhos não vai ser diferente da deles e que a agricultura está cada vez pior por causa das constantes secas"*. Percebo que eles buscavam na educação um lugar diferente para os filhos.

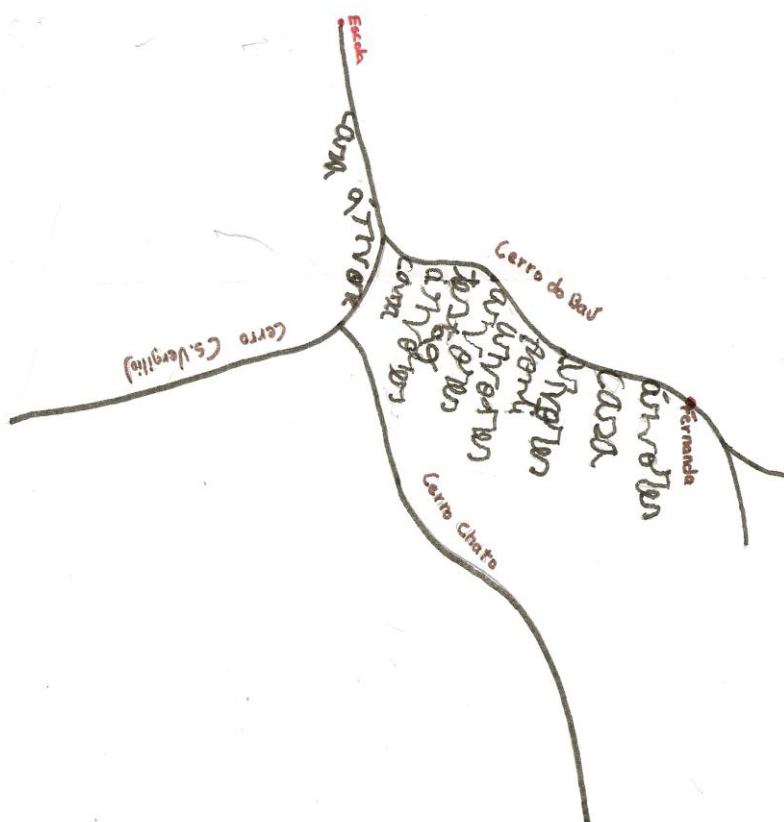
A próxima casa que cheguei, ainda no assentamento, foi a do Welliton, aluno da 3ª série, mas não tinha ninguém. Voltei ao ônibus e a chuva recomeçou a cair fortemente.

Retornamos para a escola com chuva e granizo. Na escola, Welliton disse-me que apenas a mãe estava em casa e que devia estar tocando as vacas pois, havia terminado de ordenhar.



Mapa da Sidiane – 1º ano

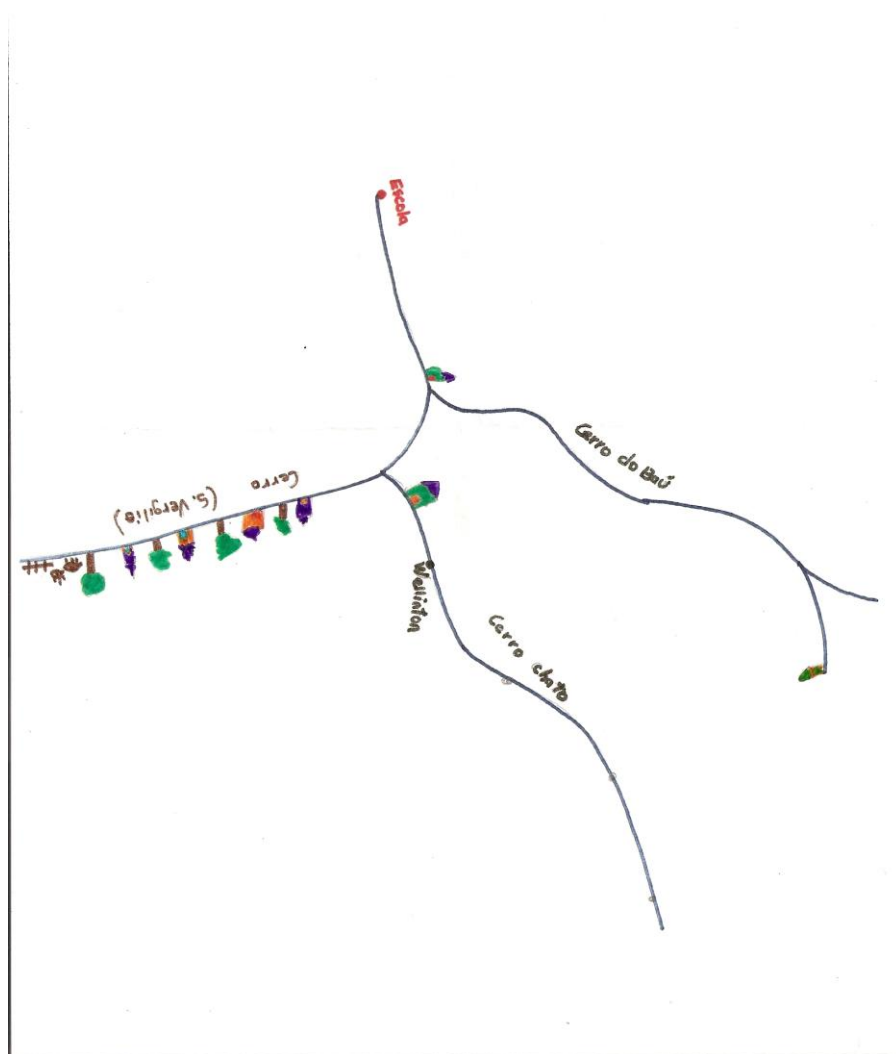
Do mesmo modo a Fernanda Campelo, que também era do Cerro do Baú e do 1º ano, utilizou bastante a escrita. Desta vez para pessoas, árvores, casas, enfim, preferiu traduzir tudo em escrita.



## Mapa da Fernanda Campelo -1º ano

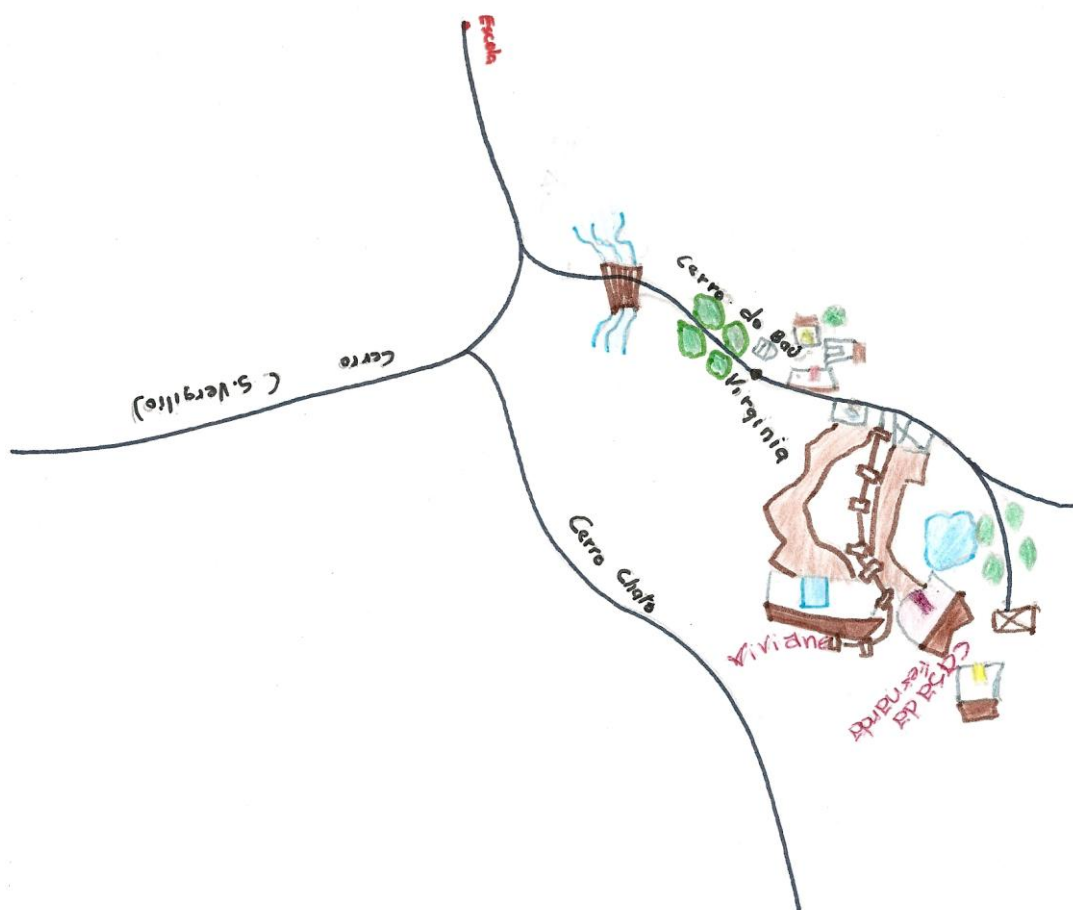
Ao questionar as meninas de porque utilizaram mais a escrita do que o desenho, as duas reponderam-me pronta e orgulhosamente que era porque elas já estavam sabendo escrever.

O Welliton, que cursava o 3º ano e morava no Assentamento São Vergílio, preferiu desenhar. Desenhando a sua casa e as de seus vizinhos. As casas e a vegetação muito semelhantes, pois eram muito próximas dentro do Assentamento.



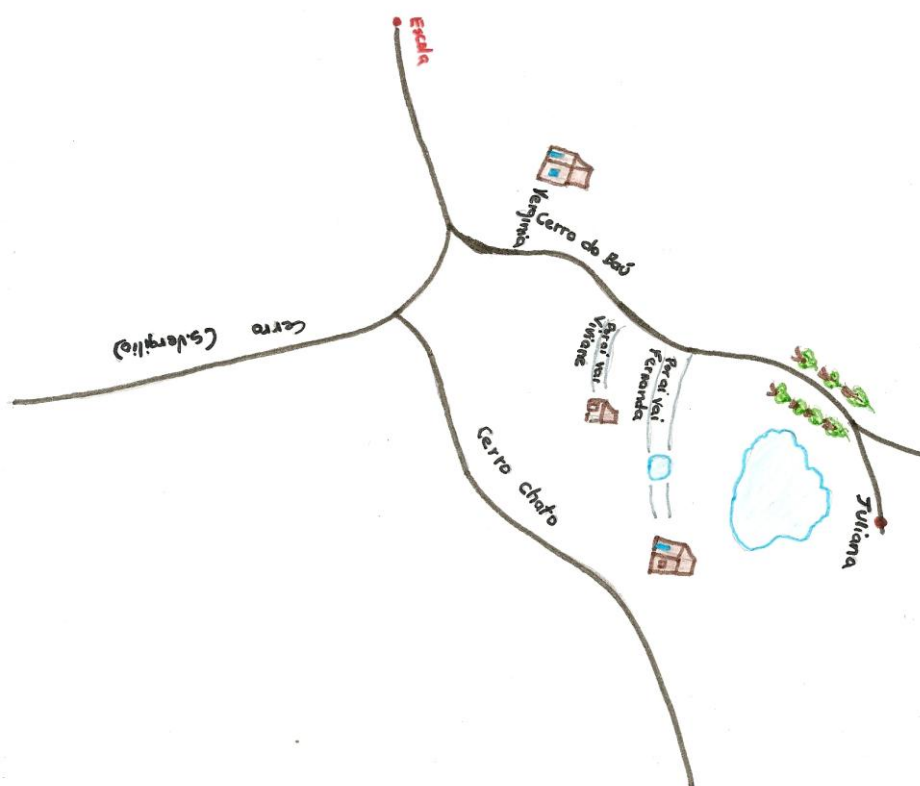
Mapa do Welliton – 3º ano

A Virgínia, que estudava na 5ª série e a Samantha, 4ª Série, moravam juntas no Cerro do Baú e por isso decidiram fazer um único mapa. Fizeram um mapa bem completo, com pontes, árvores, casas vizinhas, cercas de arame, açudes, indicavam, também outros braços da estrada, de onde vinham alguns colegas, enfim.



Mapa de Virgínia, 5ª Série e Samantha, 4ª Série

A Juliana, então estudante da 5ª série era também moradora do Cerro Baú, apresentou o desenho das casas dos colegas, açudes, árvores e algo que chamou-me bastante a atenção que era a sua tradução do próprio caminho, ou seja, ao desenhar os caminhos foi anunciando, por aqui vai Fernanda, por aqui vai Viviane... mostrando por onde vinham as colegas.



Mapa da Juliana – 5ª série

A Fernanda Gabriela, que estudava na 5ª Série, que era moradora do Assentamento São Vergílio, na estrada do Cerro Chato. Apresentou em seu mapa desenhos com casas próximas e vegetação semelhante. Mostrou bem o caminho até a sua casa e o açude perto da residência.



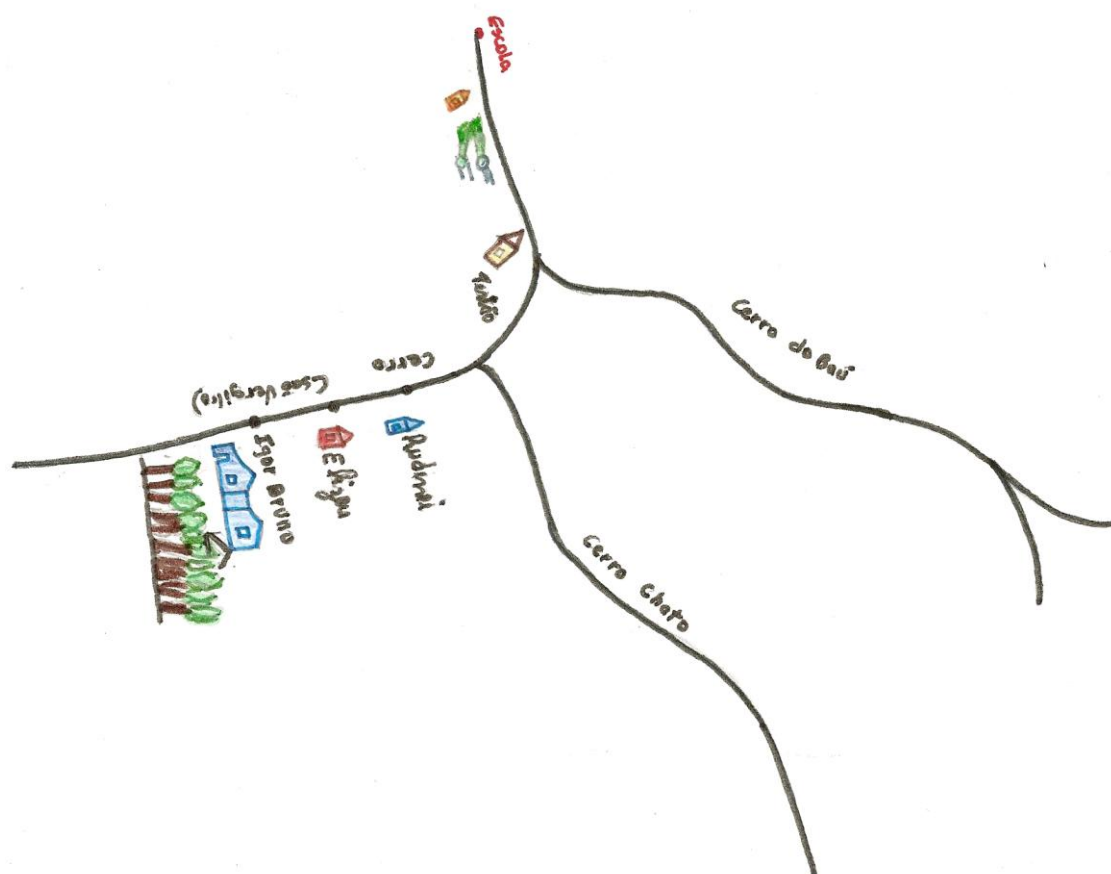
Mapa da Fernanda Gabriela – 5ª série

A Ana Carla, tia da Fernanda que estava na 5ª Série, e estava morando na casa da sobrinha no Assentamento São Vergílio. No seu desenho apresentou casas, árvores, açude e cavalo, animal que era bastante importante tanto para o trabalho campesino como meio de transporte destes camponeses.

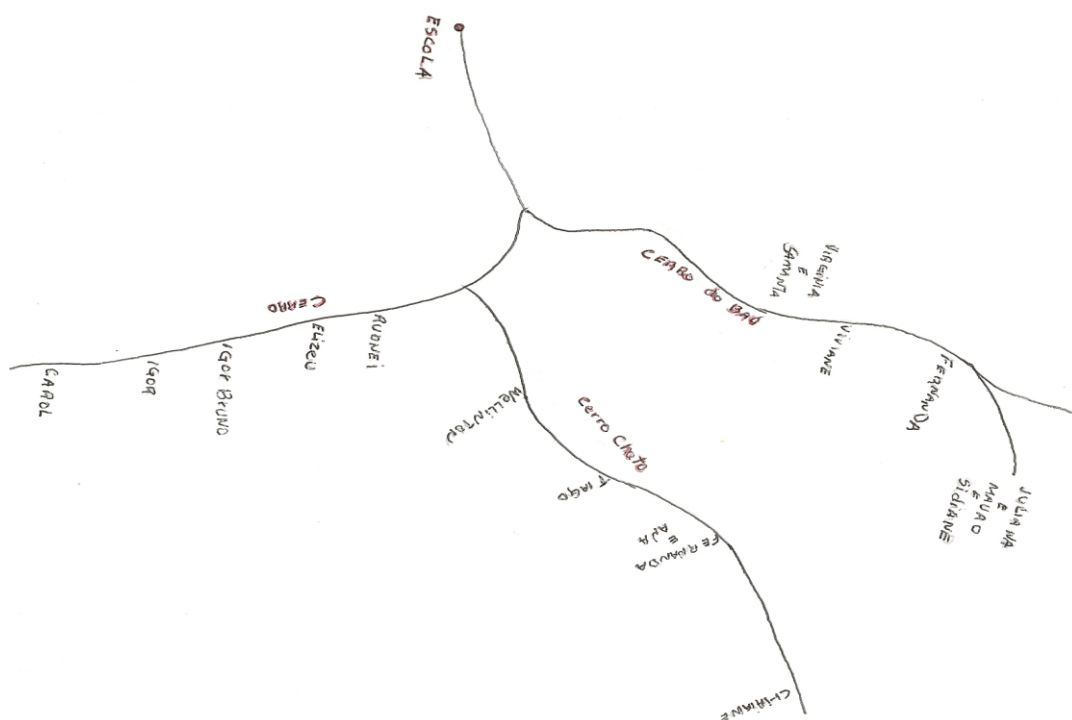


Mapa da Ana Carla – 5ª série

O Igor Bruno, que estudava na 5ª Série, também era morador do Assentamento São Vergílio e apresentava em seu mapa, plantações, casas e um bosque de eucalipto, vegetação cada vez mais presente no município.



Mapa do Igor Bruno, 5ª Série.



Mapa com a localização de todos os estudantes 2008

Foi muito importante esta atividade, pois desse modo pude perceber os diversos olhares dos estudantes sobre o percurso que os liga com a escola. Gostaria de ter tido mais tempo para explorarmos melhor este espaço.

## Os estudantes



Fernanda, Juliana, Kimberly, Virgínia, Ana Carla, Viviane e Leonel

No dia 14 de setembro de 2007, consegui uma maior aproximação com os estudantes.



Estudantes em sala de aula



Shaiane, Veridiana, Welliton e Tiago

Nas primeiras visitas à escola Astrogildo Pereira da Costa, notava que a minha presença causava um misto de curiosidade e constrangimento nos estudantes. Conforme íamos conversando fui notando que a confiança ia instalando-se. No começo, em 2007, faziam questão de me dar respostas jargões do tipo “*A escola representa o futuro*”, dizia-me a Amália, o Elizeu jogava-me bolinhas de papel, buscando a minha atenção. Outros riam, escondiam-se, enfim.

Aos poucos, com as conversas informais que fomos estabelecendo no momento do almoço, recreio, educação física, trabalhos em grupo em sala de aula, ou mesmo nos trajetos que fazíamos juntos no transporte escolar fomos adquirindo cumplicidade, confiança mútua e ficando mais a vontade.

Percebi a nossa proximidade no momento em que a Kimberly, da 5ª série em 2008, revelou-me “\_Véra, a escola é uma chatice, mas todos temos que passar por ela”, ao que eu questionei o porque dela perceber a escola como uma chatice. E ela contou-me o seguinte “em casa eu não paro. Posso brincar com as minhas bonecas, andar a cavalo e correr. Aqui não. Aqui eu tenho que ficar o dia todo sentada”. Voltei a questioná-la de porque todos temos que passar pela escola. Ao que me respondeu: “para sermos alguma coisa na vida”. Mais uma vez a escola aparece como salvacionista. Resolvi não seguir questionando a menina neste momento, com receio de que ela não quizesse aprofundar o assunto para que eu não seguisse questionando-a. Pois os estudantes já brincavam comigo dizendo que sempre eu questionava os porquês.



Fernanda Campelo

Aos poucos foram me fazendo revelações. O Elizeu, por exemplo, contou-me que sonhava ser jogador de futebol e que seu time de coração era o Grêmio. O menino falou-me ainda que tem um gosto especial por cavalgar e que os pais fizeram um grande sacrifício econômico para presentear-lhe com um cavalo. E, que este presente, fez com que ele procurasse ajudar mais seus pais em casa. Revela ainda, que antes não gostava muito de ajudar.

O Leonel, que em 2007 cursava a 4ª série, e caminhava bastante para chegar na escola disse-me que a escola era uma *“coisa rara”*. \_Como assim? Questionei. Ao que ele me respondeu: *“É sim. Porque muitos querem estudar e não*



*Leonel e o mascote Aristides ou Tidinho*

*tem chance para isto”*. Para este menino as longas caminhadas, na escuridão da noite, acompanhado de sua lanterna faziam parte de um processo comum, pela chance de estudar um pouco mais.

A Juliana, que cursava a 5ª série em 2008, revelou-me o seu desencanto em morar no campo, pois estava acostumada à vida urbana e sentia muita solidão. O único lugar que amenizava esta solidão era a escola, onde *“podia encontrar-se com amigos e trocar idéias”*.

Os estudantes revelaram em suas falas o sentido que a escola tinha para eles. A Veridiana que em 2007 cursava a 1ª série, ao final desse ano revelou que em 2008 trataria de ficar em recuperação para ficar mais tempo na escola. A escola era para a maioria dos estudantes um lugar, antes de mais nada de convivência social. Espaço que servia para cultivar amizades e amores.

Revelavam ainda, que a relação de amizade e respeito não se dava apenas entre estudantes mas também, entre estudantes/professores/fucionários. Criando laços sólidos de amizade que disse-me o Aron, que em 2007 cursava a 8ª série, *“levariam para o resto de suas vidas”*.

Vários estudantes falaram da importância que a escola tinha na produção e na organização do conhecimento. Falavam de que o afeto e amizade que os professores demonstravam por eles fazia com que eles entendessem melhor a autoridade sem autoritarismo dos professores. Muitos estudantes inclusive, quando precisavam ficar na cidade, ficavam na casa do professor Jairo e da professora Andréia. Segundo eles, esta proximidade, fazia com que tivessem cumplicidade inclusive na produção do conhecimento, pois ficavam a vontade para expressarem-se sempre que não entendiam algo, do mesmo modo em que percebiam quando uma brincadeira estava indo longe demais e já era hora de parar.

Os estudantes da Escola Astrogildo Pereira, em sua maioria, tinham o desejo de permanecerem no campo. Entendiam, portanto que a escola os ajudaria a entenderem melhor as interpretações de contratos, inclusive de empréstimos rurais, para segundo eles não serem enrolados com facilidade, como vêm muitos camponeses serem. Seja por bancos, por atravessadores ou por grandes empresas.

Diziam ainda que gostavam de estudar na Astrogildo, pois lá podiam manter o próprio estilo campesino, sem causar estranhamento. Alguns revelavam que já passaram por situações de constrangimento em escolas urbanas.

No entanto, os estudantes desta escola queriam ter acesso a coisas que, segundo eles, a maioria dos estudantes urbanos já tinham, como por exemplo, mais esportes, aulas de dança, computação, laboratórios de ciências, saber mais

sobre a fisicalidade da Terra, principalmente no que dizia respeito aos terremotos, mudanças climáticas e efeitos da poluição no Planeta, e ainda queriam conhecer mais sobre o corpo humano.

Gostariam também potencializar os plantios na escola, como por exemplo, de árvores frutíferas e horta.

E, ainda reivindicavam melhorias na escola como portas, trincos e janelas novas. Solicitavam também uniformes, o que me pareceu bastante contraditório, pois diziam ao mesmo tempo, que gostavam de manter o jeito campesino.



Shaiane, Igor e Welliton

## 5. Aproximação do Currículo às Condições Camponesas

Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas  
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,  
Carregam lixo, vendem revistas, juntam baganas  
E são pingentes das avenidas da capital  
Eles se escondem pelos botecos entre cortiços  
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias  
E então são tragos, muitos estragos, por toda a noite  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho  
Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade  
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais será  
Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso  
Viraram brasas, contavam casos, polindo esporas,  
Geada fria, café bem quente, muito alvoroço,  
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos  
Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno  
O milho assado, a carne gorda, a cancha reta  
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho  
*Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade*  
**Desgarrados-** Mário Barbará

Os camponeses que não conseguem manter ou conquistar seu lugar no campo são vistos como “sobrantes” do campo na cidade. Por um lado são expulsos do campo e por outro mantém vivências campesinas que estão arraigadas neles. As periferias das cidades estão cheias de histórias de pessoas que foram expulsas da terra ou que tiveram seus antepassados retirados desta. E, muitas destas pessoas não conseguem sobreviver de forma digna, ficando marginalizados na cidade.

Daí a necessidade de voltar e produzir a própria vida. Por isso concordo com o MARTINS (1981, p.16) nesta sua fala sobre o campesinato brasileiro: *“É um campesinato que quer entrar na terra, que, ao ser expulso, com frequência retorna à terra, mesmo que seja terra distante daquela onde saiu”*. E isto aparece

claramente na comunidade de entorno da Astrogildo, pois os assentados que mantêm seu filhos na escola vieram de outros lugares.

Esta contradição faz com que o campesinato se organize de forma cada vez mais consistente. Para OLIVEIRA (1991, p. 56), *ao mesmo tempo em que aumenta a concentração das terras nas mãos dos latifundiários, aumenta o número de camponeses em luta pela recuperação das terras expropriadas.*

E prossegue dizendo (1991, p.57) que o que “*possibilitou a recriação do campesinato [no Brasil foi] a luta política desenvolvida por meio das ocupações de terra, que se tornou a principal forma de acesso à terra*”. E isto é muito evidente na comunidade que pesquiso, com todas as contradições que a compõem.

### **Os Camponeses**

Que mistérios trago no peito  
Que tristezas trago comigo  
Se meu sangue é colono, é gaúcho  
Lá no pampa é que eu  
encontro abrigo  
O cheirinho da chuva na mata  
Me peala  
Me puxa prá lá  
Quero só um pedaço de terra  
Um ranchinho de santa-fé  
Milho-verde, feijão, laranjeira  
Lambari cutucando o pé  
Noite alta o luzeiro alumando  
Um gaúcho sonhando de pé  
Quando será  
Este meu sonho  
Sei que um dia será novo dia  
Porém não cairá lá do céu  
Quem viver saberá que é possível  
Quem lutar ganhará seu quinhão  
Velho Guaíba  
Sei que um dia será novo dia  
Brotando em teu coração  
Quem viver saberá que é possível  
Quem lutar ganhará seu quinhão

**Pealo de Sangue – Dante Ramon Ledesma**

Segundo FERNANDES (2008) “*ao se trabalhar com [a categoria] de camponês, pode-se utilizar as palavras: pequeno produtor e pequeno agricultor [para] os diversos tipos de camponeses: posseiros, rendeiros, assentados,*

*pequenos proprietários*". KIELING (2005) vai além desta fala quando diz que "é o termo [que melhor indica] a condição singular do trabalho familiar rural na determinação das relações de produção, capacidade de resistência social, etc". Ou como complementa o MARTINS (1981, p.175) *"produtor preserva a propriedade da terra e nela trabalha sem o recurso do trabalho assalariado, utilizando unicamente o seu trabalho e de sua família*."

É preciso que se entenda que este grupo social não surge do nada. Traz consigo a história de expropriação da terra, no entanto resiste e busca voltar à ela. MARTINS (1981, p.16) trata com clareza histórica a questão do campesinato no Brasil: *"Campesinato é uma classe, não um estamento"*. Portanto, é sujeito de um movimento social complexo a partir de um lugar específico. Interage a partir de uma dinâmica de relações que lhe é própria.

Nesta escrita trato com camponeses tradicionais da campanha; aqueles oriundos de Herval e de suas imediações. E com camponeses assentados, que vivem no Assentamento São Vergílio, e que vêm principalmente do norte do estado do Rio Grande do Sul, de municípios como Trindade do Sul, São Miguel das Missões, Jóia, Rodeio Bonito.

O segundo grupo de camponeses vêm de lugares onde o clima, o relevo, as características, enfim, são muito diferentes das de Herval. Esta diferença fez com que a adaptação dos camponeses assentados fosse bem difícil, até no que diz respeito à produção e também à aceitação deles pelos moradores de Herval. E é este movimento e estas relações históricas que queremos aqui considerar.

Na primeira visita que fiz a dona Odila e seu Jorge, perguntei a Dona Odila de onde ela era natural ao que ela me respondeu: *"Eu sou de Trindade do Sul"*. Seu Jorge tem clara a lembrança de quando vieram para Herval e me conta: *"Eu fiquei apavorado com o frio daqui. E frio em dois sentidos, o relativo ao tempo e o das pessoas que não me olhavam na cara"*

Seu Jorge prossegue dizendo: *"Hoje a confiança se fez presente e eu noto que esta gente, antes desconfiada com nós, é gente muito boa, é gente amiga da gente."*

Dona Odila entrou na conversa questionando-me: *“tu és daqui?”* ao que respondi que sim, que sou do interior de Herval, no Passo D’areia, onde a minha mãe ainda reside e meu pai, que faleceu em 2005, residiu enquanto pode. E assim continuamos a conversa. *“Aqui é bom, não é?”* Prossegue dona Odila, falando de Herval. E continuou sua fala contando: *“Quando nós viemos pra cá, descemos lá de cima, [mais ao norte do estado]. Eu até achei que era mais perto, não é?”* Seu Jorge entrou na conversa dizendo : *“Deus lhe livre, nós estamos muito longe da terra em que vivíamos”*. E a dona Odila continuou dizendo: *“Quando viemos para cá eu achei que era Erval Seco ou Erval Grande, nem sabia da existência deste Herval, porque tem Erval Grande, não é mesmo?”* Ao que eu respondo: sim. Tem Erval Grande.

Contaram ainda da dureza que foi o começo da vida nesta terra: *“Dona! Quando chegamos em Bagé”,* diz seu Jorge, *já sentimos aquele frio de assustar e, conforme fomos chegando mais perto daqui, mais intenso ainda era o frio, não gosto nem de lembrar o tempo que ficamos embaixo da lona. E as pessoas daqui? Como nos tratavam mal. Era terrível a sensação de desprezo, nem olhavam nos nossos rostos. Hoje não”. Reforça ele. “Já conquistamos muitas amizades nestes pagos e percebemos que as pessoas daqui são pessoas de bem e que muitos tinham receio de nós pelas coisas que ouvem dizer do MST”*.

Dona Odila faz questão de entrar na discussão, e segue lembrando dos tempos difíceis do começo, mas garante: *“hoje se alguém me perguntasse se eu quero voltar de onde vim, com tranquilidade eu diria: não. Aqui é o meu lugar! Nós construímos muita coisa neste Herval”*.

Ainda lembrando de quando chegaram, seu Jorge conta que todos diziam a ele: *“aqui não dá para plantar nada. Nada cresce”*. Ao que ele respondia com determinação: *“eu vou produzir aqui! Porque tenho obrigação de produzir, nem que eu não fique, pelo menos a minha marca eu vou deixar”* e conclui com orgulho: *“hoje tenho árvores frutíferas, milho, feijão, aipim, hortaliças de todo o tipo”*.

A Elaine e o Jocemar, assentados no São Vergílio, pais da Caroline, são de São Miguel das Missões e dizem gostar muito de Herval.

Os pais do Igor Bruno, dona Ilma e seu Oralino, vieram de São Miguel das Missões e também relatam, de forma mais sucinta, pois são pouco falantes, que não foi fácil o recomeço da vida em Herval, mas que agora já estão acostumados e que o menino Igor, gosta muito do lugar e da escola.

A Cinéia e o Paulo são pais do Tiago, ela é de Jóia e ele de São Miguel das Missões e moram no São Vergílio de cima (como eles se denominam).

A Zoraide e o Luiz, pais da Fernanda, aluna da 5ª série, são ambos de São Miguel das Missões.

A Joselaine e o Vilson pais do Welliton vieram também de São Miguel das Missões. Falaram-me da chegada deles em Herval, *“não foi das melhores”*. Inclusive um político da cidade havia dito que *“os assentados eram mais uma praga que nem as caturritas. O convívio com a pessoas do lugar”*, no começo foi bem difícil, *“até o jeito dessa gente falar é bem diferente de nós. O povo de Herval nos recebeu muito mal”*. Mas, *“hoje já está tranquilo”*. Paulo fala: *“hoje já consegui fazer bastante amizade”*. O casal falou de progresso, que acham *“Herval uma cidade velha, pois tem quase duzentos anos e é muito atrasada”* e prosseguem dizendo *“que, se não fossem os assentamentos, Herval já estaria [na fala deles] fora do mapa”*. Cinéia comparou Herval com a cidade de onde veio, Jóia, que segundo ela *“é bem nova e que o progresso por lá é bem grande em pouco tempo”*.

O casal contou-me um pouco da história deles, desde a ida para os acampamentos, estiveram em vários lugares, como Santo Antônio, Júlio de Castilhos, Bagé. E que a vida no acampamento não era boa, dependiam do governo para tudo. Falaram que o verão embaixo da lona não dava para aguentar o calor e que, no inverno, o sereno molhava a lona, que além do frio que ficava sob ela, quando o sol aquecia molhava tudo o que havia lá dentro, inclusive roupas e cobertas.

Notei o casal muito insatisfeito com o acesso que tem as questões básicas de sobrevivência. Falaram ainda, que *“a Secretaria da Saúde dá somente 12 fichas para atendimento médico por dia e depois só no outro dia. E, que a médica passa de 15 em 15 dias no assentamento, mas que pobre sem remédio não*

*adianta*”. Fiquei feliz quando eles disseram ainda que ficaram contentes em poder contar um pouco da história deles, que sentiam a necessidade deste registro, pois as pessoas da sociedade em geral os trata como privilegiados, que “ganharam” a terra e desconhecem as lutas diárias que têm de travar. Em seguida nos despedimos e fui embora, confesso que com certa angústia, por ver a situação de descontentamento e sofrimento deste casal, diferentemente dos outros com quem já havia conversado.

## O Campo

A terra  
Arada de novo  
com a alma de artista  
no chão de setembro  
e no dia de ontem  
a terra é macia  
e cobre de flores  
de todas as cores  
e todos os nomes  
a pele do outono.  
De manhã morna  
de tarde quente  
e de noite tão fria  
ela espera a chuva  
A semente e o homem.

Carlos Rodrigues Brandão

Na tentativa de compreender melhor este movimento, busco referências em alguns teóricos que falam da questão agrária no Brasil.

Busco primeiramente dialogar com Caio Prado Jr, que sem dúvida é de extrema importância para quem se propõe a estudar educação popular, principalmente no meio rural. É autor de densidade intelectual.

Tenho presente que sua contribuição é necessária como categoria para a compreensão do processo histórico, do Herval. Caio Prado, entretanto, não fez a sua pesquisa no sul do Rio Grande do Sul, ou mais precisamente, como eu, em Herval/RS.

Como estudante/pesquisadora de educação rural entendo, cada vez mais, que é necessário apreender ao máximo possível a teoria historicamente construída sobre a questão agrária, para poder fazer o elo entre as bases ontológicas locais e a sabedoria científica. As relações que compõem a vida dos estudantes camponeses e daqueles com os quais eles mantêm relações sociais mais próximas.

O texto de Caio Prado torna-se mais importante ainda por ser Herval um espaço, onde se estruturaram, vários assentamentos de Reforma Agrária de Trabalhadores Rurais Sem Terra, o que torna mais latente a discussão sobre a Reforma Agrária. Inclusive a escola em que pesquisei, a Astrogildo Pereira da Costa atende estudantes assentados, o assentamento São Vergílio.

Caio Prado (1981, p.18) faz uma análise profunda da questão agrária brasileira categorizando-a desse modo *“A questão agrária brasileira vem a ser, em primeiro lugar a relação de efeito e causa entre a miséria da população rural brasileira e o tipo de estrutura agrária do país”*.

O autor fez um diagnóstico intenso de diferentes regiões brasileiras se detendo mais no nordeste, em São Paulo e Rio de Janeiro. Fazendo crítica severa a outros autores que se diziam reformistas e até aos partidos de esquerda e progressistas, no que dizia respeito a políticas sérias em relação aos trabalhadores rurais assalariados e aos camponeses em geral, lembrando da importância da crítica e também da defesa do Estatuto do Trabalhador Rural (Lei nº 4914 de 02 de março de 1963), por ser um avanço, embora com muitos limites, na legislação. Ao mesmo tempo em que colocava a experiência de Miguel Arraes em Pernambuco,

para mostrar também as possibilidades, quando a questão agrária é tomada como fundamental para o desenvolvimento sócio econômico, daquele estado nordestino.

Mostrava ainda, com muita lucidez, que a reforma agrária no Brasil tem que ser vista e feita, levando-se em consideração a estrutura agrária específica do país.

Para Caio Prado (1981, p.10) interessava a discussão e efetivação da Reforma Agrária em função do peso da estrutura fundiária do país, que gera uma grande leva de trabalhadores empobrecidos e expropriados, tendo seus direitos negados pelas imposições da grande propriedade.

A exploração desenfreada e o baixo nível sob todos os aspectos, em confronto com os níveis do mundo moderno, da grande massa da população brasileira que se encontra sem dúvida nas relações e condições em geral da produção e trabalho rural o seu principal fator determinante. É disso, pois, que se há de essencialmente cuidar na questão agrária.

Para que haja um real desenvolvimento, dizia Caio Prado (1981, p.13) é necessário “a *superação das atuais situações sócio-econômicas do passado*” e isto requer uma superação em nível técnico, comercial, financeiro e político das atividades agrárias e, conforme Caio Prado (1981, p.18) das “*condições de vida da população rural e [da] maneira com que é dado a maioria esmagadora dessa população utilizar a terra*”.

É importante ressaltar a estrutura da agropecuária brasileira, resultante da posse latifundiária que eram segundo Caio Prado, (1981, p.21/22): “*grandes proprietários e fazendeiros de um lado; trabalhadores sem terra ou com insuficiente quantidade de terra de outro*”.

De forma clara Caio Prado (1981, p.23) distingue a importância da terra para esses dois grupos:

Os grandes proprietários e fazendeiros, lavradores embora, são antes de tudo homens de negócio para quem a utilização da terra constitui um negócio como outro qualquer . Do outro lado, para os trabalhadores rurais, para a massa camponesa de proprietários ou não, a terra e as atividades que nela se exercem constituem a única fonte de subsistência para eles acessível.

O autor Caio Prado (1981, p.22) lembra que a *“agropecuária brasileira foi e ainda é coroada de grande êxito, basta observar a riqueza que proporcionou no passado aos seus empreendedores”*. No entanto, esse êxito tem como contrapartida uma exploração intensa da mão de obra, que traz o baixo nível de vida dos trabalhadores rurais.

Então, se não distinguirmos os grandes grupos que compõem o meio rural e fizermos uma análise ingênua não evitaremos confusões teóricas. Para Caio Prado (1981, p.23)

Uma análise nos mostra desde logo lugares comuns que se repetem como verdades definitivas, como, por exemplo, atribuição das deficiências que hoje se observa na agropecuária brasileira, inclusive e sobretudo os baixos padrões das nossas atividades rurais, a erros passados de orientação econômica e tecnológica. Nada mais falso do que isso, afirmado em termos absolutos e sem a devida especificação.

Inúmeras vezes, visões romantizadas das relações complexas que fazem parte do contexto do campo, trazem esses grupos tão distintos, minimamente em exploradores e explorados, como iguais.

A análise da questão agrária deve ser vista historicamente, com muita seriedade, sendo que as relações presentes hoje no meio rural brasileiro, fazem parte de um longo processo de exploração. As propriedades com grande extensão

de terras, muitas das quais ociosas, não permitem que o trabalhador possa ter acesso a ela. Segundo Caio Prado (1981, p.25) *“desde o início da ocupação e colonização do território brasileiro, os títulos de propriedade e domínio da terra galopam muito adiante da frente pioneira de penetração e ocupação”*.

Ainda outro fator importante para o êxito da grande propriedade foi a disponibilidade de força de trabalho. Muito embora, hoje os trabalhadores tenham alternativas urbanas, uma grande parte deles ainda não têm lugar no espaço da cidade, conforme Caio Prado (1981, p.26). *“Os êxitos comerciais da agropecuária brasileira, são devido a duas circunstâncias: a disponibilidade de terra e a força de trabalho”* Essas circunstâncias, sem dúvida, são responsáveis pela pobreza no meio rural, ou seja, não tendo a terra, o trabalhador tem que se submeter a vender suas horas de trabalho por preço irrisório, o que poderá deixá-lo mais distante de obter a própria terra.

É contraditório, por fazer parte de uma realidade complexa, mas o proprietário depende da força de trabalho para gerar mais riqueza e com isso explorar mais o trabalhador, e mais efetivamente ainda enquanto ele estiver isolado de alguma organização de trabalhadores.

Conforme Caio Prado (1981, p.29) *o que determina e fixa a remuneração do trabalho nas condições da nossa economia rural, é o equilíbrio do mercado de mão-de-obra a saber, a relação da oferta e procura que nele se verifica.*

Parece-me muito atual a fala do Caio Prado (1981, p.30) sobre a grande exploração

seja onde for, e seja qual for a grande exploração de tipo comercial, tende quando a conjuntura lhe é favorável, a se expandir e absorver o máximo, de terras aproveitáveis, eliminando lavradores independentes, proprietários ou não, bem como suas culturas de subsistências.

E isto me fez lembrar a exploração feita com a monocultura de eucalipto e de acácia, pelo grupo da Votorantin, que gera lucro com certeza, mas que torna-se um problema econômico e social para os trabalhadores rurais. E transforma inclusive o território, como diz FERNANDES (2005, p.2)

A composição uniforme e geométrica da monocultura é caracterizada pela pouca presença de gente no território, porque sua área está ocupada pela mercadoria, que predomina na paisagem. A mercadoria é a marca do território do agronegócio

Além do macabro “desenho” do lugar, já estamos notando os limites ambientais e, futuramente também a população urbana deverá ter problemas como por exemplo, alimentos mais caros. Pois onde antes gêneros alimentícios eram plantados, hoje se tem vastas plantações de monocultura de árvores, vindas de outros habitats e que servem, antes de mais nada, para gerar lucros às grandes empresas proprietárias.



### Monocultura de eucalipto

Caio Prado (1981, p.26) já mostrava com lucidez a perniciosidade da detenção da concentração de terras nas mãos de “poucos escolhidos”

a grande maioria da população rural brasileira, a sua quase totalidade, com exclusão unicamente de uma pequena minoria dos grandes proprietários e fazendeiros, embora ligada a terra e obrigada a nela exercer a sua atividade, tirando daí seu sustento, se encontra privada da livre disposição da mesma terra em quantidade que baste para lhe assegurar um nível adequado de subsistência.

No Brasil a estrutura fundiária é baseada na concentração da propriedade fundiária que (Caio Prado, 1981, p.33/34) *“representa uma distribuição extremamente irregular da propriedade da terra entre os indivíduos que a ocupam, nela exercem sua atividade econômica e dela dependem para sua manutenção”*.

Se de um lado esta absorção de terras e propriedade significa concentração e domínio de renda, de outro constituem fonte de subsistência da população rural. Claro que entre os dois grupos levam grande vantagem (Caio Prado, 1981, p.33/34) *“os grandes proprietários [que] dominam a maior parte da terra utilizada ou utilizável aglomerando-se os mais modestos nas sobras, e nelas se comprimindo*. O único estado, segundo Caio Prado, em que os pequenos estabelecimentos ocupam mais da metade da área total é o Espírito Santo.

Para Caio (1981, p.47/48) o nosso tipo de estrutura agrária não se dá por fatalidades como formas geográficas e sim pela colonização e ocupação e mercantilização da terra.

A colonização brasileira e ocupação progressiva do território que formaria o nosso país constituiu sempre, desde o início, e ainda é essencialmente assim nos dias que correm, um empreendimento mercantil. (...)

A grande propriedade fundiária constituiria a regra e elemento central e básico do sistema econômico da colonização, que precisava desse elemento para realizar os fins a que se destinava. A saber, o fornecimento em larga escala de produtos primários aos mercados europeus.

Ainda hoje, a terra continua a ser utilizada não em prol de quem nela trabalha, mas antes pelos interesses comerciais e necessidades adversas à população local. Desse modo Caio Prado (1981, p.50) denunciava

A grande exploração agro mercantil, de base territorial necessariamente extensa, que figura no centro das atividades rurais brasileiras na generalidade das regiões e zonas geo-econômicas do país. Em cada uma das regiões e zonas, embora de maneira mais acentuada e caracterizada em umas que em outras, a atividade econômica gira em torno da produção de algum gênero necessário essencial de valor comercial, deixando o mais, e particularmente os gêneros necessários à subsistência da população local, em segundo e apagado plano.

Esta situação que Caio elucida nos mostra o dualismo das complexas relações que se estabelecem no campo, ou seja, de um lado o grande proprietário e as culturas de grande expressão comercial, como por exemplo, a monocultura de eucalipto, acácia ou pinus e, de outro a necessidade de gêneros essenciais à vida da população local, que deixam de ser produzidos, pois as terras estão ocupadas com produtos mercantis. Ficando os trabalhadores relegados à fornecedores de mão-de-obra para qualificar o produto a ser vendido. Compreender essa dualidade é de fundamental importância para que se entenda a construção histórica da economia agrária brasileira.

Essa relação diferenciada entre o grande proprietário e o camponês em relação à terra é essencial. O grande proprietário jamais terá a relação de amor à

terra que tem o camponês, pois para o primeiro esta é apenas um fator de geração de lucro, já o outro sente-se parte integrante dela.

Caio (1981, p.55) revela que *“quando a grande exploração decai, a propriedade agrária tende a se subdividir. Inversamente, a prosperidade da grande exploração é importante fator de reagrupamento e reconstituição da grande propriedade”*. O contra-senso da situação é que é o trabalhador, com sua força de trabalho, que gera a riqueza produzida na grande propriedade (Caio Prado, 1981, p.57/58/59).

A insuficiência de mão-de-obra sempre constitui sério problema da grande exploração rural brasileira. Isso vem de longa data, desde meados do século passado quando se aboliu o tráfico africano, e foi preciso suprir a falta de escravos importados com a imigração de trabalhadores livres. Toda a política imigratória é de povoamento no Brasil [e] foi sempre orientada fundamentalmente pelo critério de proporcionar mão-de-obra para a grande lavoura.

Embora se tenha bom lucro nas grandes propriedades isto não é repassado aos trabalhadores, que geram essa riqueza, basta verificar as condições precárias dos trabalhadores rurais nas grandes explorações.

No texto *A questão Agrária no Brasil*, Caio (1981, p.81) fala coerentemente que *“a reforma agrária que necessitamos se opõe ao tipo de economia e organização agrária brasileira, ou seja, “trata-se de fazer com que a utilização da terra no Brasil se realize em benefício principal daqueles que nela trabalham, e não constitua apenas, como é o caso presente, simplesmente um ‘negócio’ de pequena minoria”*.

E ainda que, isto não se dará de forma natural e espontânea, mas que nascerá da organização dos trabalhadores e se não for dessa forma não acontecerá realmente, ou tenderá a não ter êxito. Esta organização de trabalhadores rurais organizados em várias regiões do Rio Grande do sul, vêm fazendo o movimento inverso ao de expulsão do campo. Na região de Herval, por

exemplo, desde 1994, instalaram-se assentamentos de trabalhadores rurais Sem Terra. Logicamente, isto não se dá com tranquilidade, mas permeado de conflitos, e alguns dos quais aparecem na fala das pessoas que compõem a rede de relações da comunidade de entorno da Astrogildo.

Estudar este território numa perspectiva humanista e não tecnicista não é tarefa simples. FERNANDES (2005, p.2) chama a atenção para a questão do território, como território ocupado por seres humanos, na rede complexa de relações sociais que terão suas peculiaridades em cada localidade.

O significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana

O território camponês a que se refere o FERNANDES (2005, p.2) demonstra características visíveis no entorno da Escola Astrogildo, principalmente no que diz respeito ao Assentamento São Vergílio

A diversidade de elementos que compõem a paisagem do território camponês é caracterizada pela maior presença de pessoas no território, porque é neste e deste espaço que elas constroem suas existências e produzem alimentos. Gente, moradias, produção de mercadorias, culturas e infraestrutura social, entre outros, são os componentes da paisagem do território camponês

## **Currículo da Escola do Campo**

Esta discussão vem sendo feita pelo GAPE/UFPel, já de longa data. Inclusive gerando várias pesquisas, as quais resultaram em artigos, dissertações, e, inclusive a tese de pós-doutorado do prof. Dr. José Fernando Kieling.

O professor Fernando (2005) tem sido incansável na defesa da educação rural. E, como entende que *“a tarefa que se coloca com urgência, para quem trabalha em escolas de regiões camponesas, é entender historicamente as particularidades deste grupo social e suas formas de relacionamento com o conjunto da sociedade capitalista atual”*.

Está claro que os currículos de gabinete, como são feitos na sua maioria, não dão conta dessas totalidades de relações das escolas públicas e (KIELING, 2005) *“uma das áreas de produção que mais dificuldade traz à tentativa de homogeneização e controle capitalista da produção é a dos colonos, a agricultura camponesa”*. Do mesmo modo que o movimento inverso também acontece, pois o universo humano e social das escolas do campo é muito mais amplo e complexo do que as ideologias dominantes possam imaginar conhecer.

Esta discussão trouxe-me a lembrança de uma conversa que tive com meu tio Carlos Alberto, em relação à pesquisa. Falei dos meninos e meninas camponeses e da educação destes na Astrogildo. Ele disse-me que se lembrou de quando veio morar em Pelotas.

Até então menino camponês, as referências que tinha eram as do campo. Tio Carlos conta que a professora pediu-lhe um desenho no dia do gaúcho. Tarefa que ele cumpriu com muito esmero, fez o desenho de coisas que conhecia e que lhe eram importantes. Desse modo, desenhou um rebenque, arreios de cavalo, pelegos, cavalos, enfim. Levou orgulhoso para mostrar à professora e também para mostrar à turma. Para sua triste surpresa foi extremamente chacoteado. Pois, nem a professora nem os seus colegas conheciam o significado dos desenhos que apresentava.

Desde então passou a receber apelidos pejorativos e aprendeu... a calar suas raízes. Sem, ao mesmo tempo, nunca desvincular-se delas. Hoje, meu tio é aposentado, estudou e morou em vários lugares no Brasil e também fora do país. Voltou a viver no campo de onde não deseja mais sair. Mas, nunca esqueceu esse sufoco do menino camponês.

Infelizmente esta sufocação ainda hoje ocorre em nossas escolas públicas urbanas que atendem a estudantes camponeses. E, eu diria mais muitas escolas rurais, também o fazem na perspectiva de “desenvolvê-los” e civilizá-los para serem o mais urbanos possíveis.

FERNANDES (2005, p.2), como outros autores, pensa, a educação do campo de forma comprometida e como integradora das relações que se desenvolvem no campo, de maneira a potencializar o campesinato. Afirma que não tem como ver a educação isoladamente das relações que compõem o espaço camponês. *“A educação não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e todas as outras dimensões”*.

Em nossas longas conversas, tanto nas visitas, quanto no percurso do transporte escolar, como nas reuniões na escola e no assentamento. Falamos principalmente de educação e o que ficou mais evidente nas nossas conversas é que para a comunidade escolar da Escola Astrogildo Pereira da Costa, a educação escolar é a base de tudo.

Para alguns pais é isto o que vai garantir um emprego melhor nesta sociedade de concorrência. Já outros entendem que a educação é realmente muito importante para a própria vida campesina, mas que ela sozinha não garante qualidade de vida, que precisa vir junto com outros itens de desenvolvimento social, como a saúde, por exemplo, que é o elemento que mais aparece junto com a educação.

Enquanto alguns pensam que, \_ embora a educação escolar colabore no movimento da própria vida para que eles, inclusive não sejam “passados para trás”,\_ ela não garante, emprego, principalmente hoje em dia. Outros buscam o

estudo para os filhos porque não querem que estes tenham a *“mesma sorte”*, de terem que acampar e passar os trabalhos que os pais passaram.

Apenas dois dos pais da escola fizeram o ensino médio, a maioria reclama de não ter tido oportunidade para estudar.

### **O Projeto do Currículo em andamento ...**

A escrita de José Paulo Netto deu referências para a minha inserção como pesquisadora na Escola, no interior do município de Herval.

Para uma melhor compreensão da vida cotidiana da comunidade de entorno da Astrogildo, tornou-se necessário levar em consideração os aspectos da formação das relações sociais mais imediatas e, ao mesmo tempo, busca, entender que o concreto que se mostra ali faz parte de uma totalidade de relações muito maior e que se relaciona com outras totalidades que fazem parte deste mundo contemporâneo em que hoje se vive. Por exemplo, mostrar uma foto aérea da localidade não vai dizer nem de perto que relações se estabelecem no lugar, no entanto, o que aparece na foto também faz parte daquela totalidade.

Vou colocando neste espaço a fala da comunidade sobre o currículo *“faltante”*

Alcides e Graça, avós de Igor Marques, me disseram que, quando aprenderam, o conhecimento escolar era mais útil para a vida deles, ou seja, que este conhecimento lhes é útil até hoje, na vida diária deles. Inclusive quando precisam fazer algum financiamento ou *“assinar algum papel”* que possa comprometer-lhes, enfim para que também *“não sejam passados para trás”*. Interessante colocar que esta fala dos queridos avós de Igor me reportou a aula do professor Sérgio Herbert *“que diz que se o conhecimento não serve para a vida, então para que estudar?”*

E continuaram falando ainda que gostariam de solicitar que a escola trabalhe mais com o menino, *“no que diz respeito à tabuada, leitura, meses do ano, dias da semana, estações do ano, ou seja, conhecimentos mais práticos”*, que pudessem auxiliá-lo na sua vida cotidiana.

Em relação à escola, Jocemar, pai da Carol, falou da merenda, da falta que faz uma horta para melhorar a alimentação escolar. Disse que concordava com ele e prometi levar a discussão à escola. A solução que a escola encontrou foi solicitar a colaboração das crianças para a merenda escolar. Desse modo, cada dia uma levava algo que produzia em casa para colaborar na qualificação dos alimentos para a partilha.

Na crítica à vida cotidiana o autor faz referências a Lukács e também a Marx. Segundo ele para Lukács as determinações fundamentais da cotidianidade são: a imediatividade, a superficialidade extensiva e a heterogeneidade (NETTO, 1987, p. 66).

A heterogeneidade: a vida cotidiana configura no mundo da heterogeneidade. Inserção das atividades que compõem o conjunto das objetivações do ser Social, o caráter heteróclito da vida cotidiana constitui um universo em que, simultaneamente, se movimentam fenômenos e processos de natureza compósita (linguagem, trabalho, interação, jogo, vida, política e vida privada, etc.);

A imediatividade: como os homens estão agindo na vida cotidiana, e esta ação significa responder ativamente, o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a conduta imediata, sem a qual os automatismos e o espontaneísmo necessário à reprodução do indivíduo enquanto tal seriam inviáveis;

A Superficialidade Extensiva: a vida cotidiana mobiliza em cada homem todas as atenções e todas as forças, mas não toda a atenção e toda a força; a sua heterogeneidade e imediatividade implicam que o indivíduo responda levando em conta o somatório dos fenômenos que comparecem em cada situação precisa, sem considerar as relações que os vinculam.

Entendo que ao mesmo tempo que os indivíduos são seres diferentes, peculiares também fazem parte de um todo, que coloca padrões capitalistas mutantes a todo instante e ao mesmo tempo em que tudo interessa nada interessa tanto ou nada tem tanto valor.

A cotidianidade então faz parte da rede de relações que se estabelece a cada dia (NETTO, 1987, p.67) *“vida cotidiana é o alfa e o ômega da existência de todo e cada indivíduo. Nenhuma existência individual cancela a cotidianidade”*.

Nesse sentido, principalmente quem faz pesquisa com educação popular necessita ficar atento à construção da cotidianidade, por entender que as pessoas das localidades, que se pretende pesquisar devem ser sujeitos dos seus próprios processos históricos e também de pesquisa. E ainda, para poder questionar pontos em que as transformações se fazem necessárias, desde que juntos percebamos e entendamos isto.

Segundo NETTO (1987, p. 77), para Marx o proletariado é a classe revolucionária e, sendo assim, é esta classe que pode proporcionar mudanças necessárias a um mundo de menos exploração e coisificação do ser humano. *“Temos em tela um nexos imanente, uma relação genérica e metodológica entre Marx e o proletariado”* e continua explicando *“o nexos está dado porquanto é o proletariado, enquanto classe em si, que, pela sua mera existência, viabiliza a dialética social a partir da perspectiva do processo do trabalho”*.

Por isso urge que a classe trabalhadora possa tomar em suas mãos a discussão da educação e da própria produção da vida, para que, tomando consciência da exploração que lhes condiciona a vida, possam compreender que o que condiciona não determina e que se a grande exploração precisa da força de trabalho, os produtores desta podem e devem ter mais qualidade de vida. Para tanto o pesquisador tem que fazer a ponte entre o que aparece e o que, aos poucos com os sujeitos do lugar, vai descobrindo e problematizando.

Concordo com NETTO (1987, p.78) quando diz que *“a teoria social marxiana é de natureza ontológica, o que nela se visa é a realidade – o ser social (sua*

*produção e reprodução). E esta realidade é sempre, ontológica e historicamente, uma totalidade”.*

Esta totalidade é produzida dialeticamente pelos sujeitos e relações que a compõem, não é meramente um todo, mas a produção deste, com toda a complexidade que o constrói cotidianamente. Neste aspecto é importante compreender a mediação, ou seja, que (NETTO, 1987, p.81)

nenhum objeto - ou fato – é realmente imediato (isto é: nenhum objeto se põe ao pensamento sem que seja produto, resultado de mediações): o que ocorre é que, para o sujeito cognoscente, ele pode apresentar-se assim. A imediatricidade é uma função da consciência teórica e não um dado ontológico

Para que fique mais claro, ao analisar determinado objeto, por exemplo, aqui vou utilizar o leite, que ao comprar-se este produto no supermercado, se compra junto toda uma rede de relações complexas, que vêm desde o modo como a vaca é ordenhada, com processo mecanizado ou não, à exploração dos trabalhadores. Se olharmos o preço que é pago pelo leite ao produtor, apenas na imediatricidade compraremos somente um produto para saciar a nossa “fome”, enquanto muitas vezes quem o produziu não tem acesso a esse gênero alimentício.

A problemática da vida cotidiana analisada por Marx é muito diversa da atual, mas sem dúvida este teórico nos deixou referências de suma importância para a compreensão da realidade.

NETTO (1987, p. 89) conclui dizendo: “a tomada da realidade de que a cotidianidade contemporânea é um nível constitutivo, supõe a reconstrução reflexiva da sua ontologia, da totalidade concreta própria da sociedade burguesa madura”. Para a problematização e superação desta cotidianidade que aí está, tem que haver o entendimento de que ela é produto histórico e portanto, sempre inconcluso no que parece ser ou mesmo estar sendo.

Quando comecei a pesquisa, o fiz com uma consciência ingênua, pensando que poderia ir lá e resolver os problemas que se apresentassem, numa espécie de voluntarismo. No entanto, com a própria caminhada da pesquisa e com as leituras que tenho feito percebo o quão a realidade é complexa e não está dada, justamente porque é historicamente construída e deve ser vista de forma ontológica (FREIRE, 1983, p. 16).

O conhecimento (...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica na inversão e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Quanto mais leio Freire, mais percebo a sua complexidade comprometida com a educação popular e com a pesquisa a serviço desta educação. Hoje mais do que nunca sei que a leitura freireana não é fácil, principalmente por seu compromisso com a transformação social.

### **Retomando o currículo...**

Para discutir a escola do campo é necessário discutir educação popular. Muitos autores colaboraram comigo nesta discussão. Gramsci e Freire, por exemplo, trazem uma densidade admirável nesse sentido. Foi muito interessante para mim conhecer um pouco mais destes, a quem não falta coerência entre a sua vivência e a escrita.

Gramsci se entregou a luta, com uma incessante escrita, tendo, inclusive sido preso em consequência disso. O que não fez com que se calasse contra o

fascismo do Mussolini, na Itália. Fico questionando porque este autor é tão pouco estudado na Universidade em nossas graduações e mesmo pós graduações.

Gramsci condena a forma como as culturas dominadas ficam soterradas pelas culturas dominantes, criticando o que os colonizadores chamam de processo civilizatório, o qual na verdade é um processo de extermínio de culturas. Nesse sentido Gramsci apresenta (apud, HERBERT, 2008, p.108) *“como o exemplo de herói [o] Garibaldi, que lutou contra os opressores, mas, Gramsci lembra que, quando um herói é lembrado, ficam esquecidos os seus ideais de luta”*.

Esta passagem histórica me reportou ao Freire que ao saber que criariam o Instituto Paulo Freire advertiu que só o fizessem se fosse para superá-lo e não para o exaltarem o que seria uma forma de matar a ele e a sua escrita.

Percebo a importância crucial de estudar autores comprometidos com uma concepção histórica e democrática de educação popular, pela coerência que demonstram em suas práticas (apud HERBERT, 2008, p.113) *“na sua proposta de construção de uma nova civilização, Gramsci salienta o valor do conhecimento da realidade”*. Ou seja, é necessário entender que autores que comungam dessa linha, por mais coerência que tenham, podem servir apenas como referência para a compreensão de lugares onde não estiveram. Então, por exemplo, na escola Astrogildo Pereira da Costa, onde desenvolvi esta pesquisa de mestrado, eles apontam caminhos, mas a pesquisa em si é que vai desvendar um pouco melhor a realidade de lá, que é movimento, não é, está sendo, ou seja se constrói a cada dia.

Ratifico ainda que a discussão sobre os achados foram amplamente debatidos com as pessoas que compõem aquela realidade, pois é a partir dali que as transformações deverão ou não ocorrer (apud HERBERT, 2008, P;113) *“o estudo e o conhecimento da realidade tornam-se elementos de primeira instância para Gramsci. Não existe liderança fora do tempo e do espaço”*.

A sociedade só será transformada pelas lideranças locais, as quais precisam ser instrumentalizadas para que tenham a autonomia de buscar as próprias mudanças (apud HERBERT, 2008, p. 127). *“Ter uma proposta revolucionária é uma*

condição essencial na liderança proposta em Gramsci. Está em jogo a transformação radical da sociedade”

A rede de relações que permeia o currículo é muito ampla. E traz consigo cheiros, temperos, amarguras, preconceitos, disputas de poder, alegrias, amores, enfim tudo o que envolve a vida escolar.

A tarefa educacional efetuada na instituição escolar é realizada mediante uma seleção, organização, análise crítica e reconstrução dos conhecimentos, crenças, valores, destrezas e hábitos, que são consequências do desenvolvimento sócio-histórico, isto é, construídos e aceitos como valiosos por uma sociedade determinada.

SANTOMÉ (1998, p.95)

É impossível negar que exista conhecimento prévio à escola e para além dela. No entanto a escola muitas vezes nega que este conhecimento existe. É como se, ao entrar nessa instituição, nos fosse dito: “esquece tudo o que tu estás vivendo, pois agora tu vais começar a aprender” Desta forma, os conhecimentos que deviam ser uma incessante ligação entre o que eu já sei ou o modo como eu sei com o que eu posso aprender, passa a ser algo massacrante, de morte ao que eu estou sendo para me tornar alguém formatado ao que uma elite da sociedade deseja que eu seja. Quando o currículo é pensado para as escolas rurais isto é mais evidente, pois os conhecimentos “doados” a esta são aqueles que ensinem melhor ao camponês a torná-lo urbano.

MCLAREN (1997, p.216) é bastante crítico ao falar de currículo e da intenção deste.

O currículo favorece certas formas de conhecimento sobre outras e afirma os sonhos, desejos e valores de grupos seletos de estudantes sobre outros grupos, com frequência discriminando certos grupos raciais, de classes ou de gênero.

Se de outro lado percebe-se que cada sujeito traz consigo aprendizagens diferenciadas construídas no seio da família, com suas práticas culturais comunitárias cria-se um universo de possibilidades que ampliam cada vez mais a rede de conhecimento a partir das relações concretas dos sujeitos. Sendo que cada compreende e interpreta as novas informações a partir deste (SANTOMÉ, 1998, p.98) “*conhecimento de fundo*”.

Se a instituição for comprometida com a produção de conhecimento significativo, a ela caberá (SANTOMÉ, 1998, p.96) *uma reinterpretação peculiar desse legado cultural, em função das experiências prévias, conhecimentos, expectativas e relações sociais que compõem a comunidade do entorno da escola.*

A instituição educacional precisa proporcionar um conhecimento reflexivo e crítico da arte, da ciência, da tecnologia e da história cultural, não só como produtos do desenvolvimento alcançado pela humanidade em seu devir sócio-histórico, mas principalmente como instrumentos, procedimentos de análises, de transformação e criação de uma realidade natural e social concreta.

SANTOMÉ (1998, p.96)

Desse modo é crucial o diálogo entre os diferentes conhecimentos. O que aqui se defende não é a negação do conhecimento socialmente construído pela humanidade, nem o espontaneísmo, mas do diálogo entre diversos saberes, da problematização destes a partir dos saberes de experiência feita.

Há muitos anos, tem-se tornado cada vez mais evidente que o currículo de muitas escolas em diversos países não está suficientemente ligado à realidade da vida dos alunos. Este é especialmente o caso dos alunos que pertencem ao grupo cultural e economicamente mais oprimidos.

APPLE (2008, p.32)

Isto faz com que muitos estudantes desistam da escola. E ainda, introduz-lhes um sentimento de fracasso por “não conseguir” ser o que a escola deseja que seja. E outros para serem aceitos na escola têm que negar as próprias raízes, passando a serem sujeitos de lugar nenhum. Pois, na escola são desvalorizados e ao voltarem para seu lugar de origem são considerados como diferentes. Este sentimento é comum a muitos estudantes que são obrigados a deixar o campo para estudar.

Em vez de vê-los como menos inteligentes, é muito mais sábio vê-los como alunos inseridos em instituições que, muitas vezes estão totalmente desvinculadas de suas realidades.

APPLE (2008, p. 32)

E o APPLE (2008, p. 32) vai além dizendo que essas escolas só farão a diferença no momento em que fizerem essa conexão com a realidade. E é esta diferença que nos comprometemos a buscar com esta pesquisa.

A compreensão, ainda que provisória e incompleta, da realidade está voltada à possibilidade de permitir um distanciamento da mesma e à exploração dos conflitos existentes, tanto na própria realidade, como nas diferentes visões de que dela surgem ao ser olhada no coletivo e no confronto entre as novas informações e conhecimento disponível no pensamento de cada pessoa.

PERNAMBUCO (apud PONTUSCHKA 1993, p.82)

O currículo está permeado das diferentes percepções do real, que se dão a partir da rede de relações em que cada sujeito está inserido, bem como as contradições que o compõem. Esta pesquisa traz consigo a consciência de ser provisória e incompleta, pois a rede de relações que compõem a totalidade da escola Astrogildo Pereira da Costa é muito ampla e complexa e se refaz a cada

instante. No entanto, esta escrita, a partir dos achados da pesquisa, tem a pretensão de servir de ponto de partida para outras tantas que virão.

Para que este currículo seja dinâmico faz-se necessário que a escola esteja sempre a se perguntar (PERNAMBUCO apud PONTUSCHKA 1993, p.82) “*o porquê das diferenças, o que querem dizer, de onde surgem, [para permitir] conhecer na perspectiva de que o conhecimento nunca está acabado*”.

## **6. Considerações Finais...**

Como já disse esta pesquisa é comprometida com minha trajetória de vida, com o estudo curioso e está refazendo um reencontro com a minha própria história. Sou hervalense, tenho origem campestre e tenho mantido vínculos familiares e afetivos e, hoje também profissionais com o município.

Não moro em Herval já há algum tempo, situação esta que me aproxima e ao mesmo tempo distancia do lugar. A minha inserção como estudante/pesquisadora tem me feito admirar aquela complexa realidade, que não está dada, justamente porque é historicamente construída e deve ser vista de forma ontológica.

Em contraponto ao empenho de Freire, bem como de outros autores estudiosos da educação popular, é notória a falta de comprometimento das classes dominantes com a educação das classes dominadas, onde para as primeiras a educação rural é vista muitas vezes como ônus desnecessário. Para o atual governo do estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, a escola rural é dispensável na maioria dos lugares. Até se entende essa política fechamento das escolas, quando se vê que este governo define suas prioridades a partir das preferências das elites gaúchas, sejam elas rurais ou urbanas e utiliza distorcidas interpretações de tabelas de custos, para sustentar suas políticas discriminatórias.

Esse viés político pode esclarecer as posições relativas de cada grupo social. A discriminação da escola pública – sendo destinada a atender apenas os grupos sociais mais pobres com o mínimo de recursos é apenas parte do problema. A qualidade do ensino dessa escola discriminada nem sequer entra em pauta. Tudo é reduzido à aprovação ou reprovação, rentabilidade quantitativa, etc. Como diz Freire: “Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes

dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”. Ou seja, esta transformação se dá pelas classes populares ou não acontecerá.

Desse modo uma pesquisa comprometida com a educação popular não pode ser para a comunidade, mas imprescindivelmente com a comunidade, buscando nesta a participação e autoria no processo. Recorro novamente a BRANDÃO E STRECK (p.31) quando dizem que:

Assim, a pesquisa participante apresenta-se como uma alternativa de 'ação participante' em pelo menos duas dimensões. A primeira: agentes sociais populares são considerados mais do que apenas beneficiários passivos dos efeitos diretos e indiretos da pesquisa e promoção social dela decorrente ou a ela associada. Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante. Ou seja, uma pesquisa é 'participante' não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas sim porque ela se projeta, porque realiza desdobres através da participação ativa e crescente dos atores.

A segunda: em outra direção, a própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular e, assim, ela deve participar de amplos processos de ação social de uma crescente e irreversível vocação popular.

É inegável a necessidade de atendimento educacional dessas comunidades rurais que produzem a vida em localidades distantes não só geograficamente, mas com formas de organização que são peculiares ao modo de vida camponês. O que evidencia a urgência de que tomem em suas mãos esta luta que é sua.

A cultura capitalista tem se afirmado, propalando as classes trabalhadoras, o imaginário coletivo de que as pessoas advindas dessas classes nada sabem. E esta falácia tem inculcado de forma enfática no próprio camponês, como trabalhador, constituinte desta da sociedade injusta, a cultura do silêncio. Fator que se mostrou claramente quando começamos a pesquisa na Astrogildo.

Foi bastante difícil, pois os camponeses não percebiam seus próprios saberes e as professoras também receavam expor-se. Aos poucos fomos criando cumplicidade, principalmente por deixar claro e ter o entendimento que este esforço de aprendizagem é algo que fizemos juntos.

FREIRE (1981, p. 50) nos conta da fala de um camponês que revela a atuação da cultura do silêncio: *“a resposta simples deste camponês nos introduz, claramente, à compreensão do que é a cultura do silêncio. ‘Na cultura do silêncio existir é apenas viver. O corpo segue ordens de cima. Pensar é difícil; dizer a palavra, proibido’”*.

Segundo FREIRE (1983, p.32) é *“natural, que os camponeses apresentem uma atitude quase sempre, ainda que nem sempre, desconfiada com relação àqueles que pretendem dialogar com eles”*. Esta atitude se dá por não estarem seguros de sua própria capacidade. Pois já introjetaram *“o mito de sua ignorância absoluta”*.

Sendo assim continua FREIRE (1983, p.32): *“natural que prefiram não dialogar”*. Para eles quem sabe é o educador *“(...) o que estas considerações revelam claramente é que a dificuldade em dialogar dos camponeses não têm razão neles mesmos, enquanto homens camponeses, mas na estrutura social ‘fechada’ e opressora”*.

O papel do educador/pesquisador é de justamente buscar este diálogo e problematizar essas máximas impostas pela cultura dominante, para buscar ultrapassar esta barreira. Entendendo como fundamental este trabalho do educador que, como diz FREIRE (1983, p. 32), *“não se esgota e não deve esgotar-se da técnica, pois que esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar”*.

Entendendo que a superação da cultura do silêncio só se dá a partir do diálogo, percebemos que este diálogo não pode ser ingênuo, romântico, não é um diálogo fácil, nem o falso diálogo segundo GADOTTI (1985, p.6) *“(...) o diálogo de que nos fala Paulo Freire não é o diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição oprimidos.*

*Esse diálogo supõe e se completa, ao mesmo tempo, na organização de classe, na luta comum contra o opressor, portanto, no conflito”.*

Buscando alcançarmos uma totalidade que hoje é coerente, justamente porque se construiu no ontem e será constitutiva de outra totalidade amanhã, porque insisto, não é, mas está sendo enquanto processo histórico “*temos, que de um lado ir mais além da mera captação da presença dos fatos buscando assim, não só a interdependência que há entre eles, mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um e, de outro lado, a necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante (FREIRE, 1981, p.110)*”.

Mudança e estabilidade resultam ambas da ação, do trabalho que o homem exerce sobre o mundo como um ser de práxis, o homem ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural. O mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. O mundo da linguagem, dos sinais, dos significados e dos símbolos (FREIRE, 1985, p.25).

As totalidades são produzidas por homens e mulheres, num mundo de comunicação, com suas convenções, linguagens, significados e signos que utilizam para expressá-los. Assim constroem a história e as transformações que só poderão vir através deles.

Para FREIRE (1985, p.17)

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos.

Ou ainda, como FREIRE (1983, p.40) diz, sobre a produção da vida, não como tempo de calendário, mas como tempo que produz o hoje e o prepara para o amanhã, sem que isto signifique a substituição de um pelo outro, ou seja o passado, co-existe ao mesmo tempo em que também produz hoje, por isso não tem como negá-lo:

o tempo em que gerações viveram, experimentaram, trabalharam, morreram e foram substituídas por outras gerações que continuaram a viver, experimentar, trabalhar, morrer, não é um tempo de calendário.

Desse modo a realidade que por ora se apresenta na pesquisa, a que antes nos referimos, no entorno da escola Astrogildo vem sendo produzida historicamente (FREIRE, 1983, p.41)

é um tempo de acontecimentos em que os camponeses, de geração em geração se formam constituindo em certa forma de ser ou de estar sendo, que perdura a nova estrutura. Esta é a razão pela qual o tempo da estrutura anterior de certo modo, em muitos aspectos 'co-existe' com este.

Existe toda uma complexidade da composição de escola que atende camponeses filhos de assentados do MST e de camponeses tradicionais de Herval, que já viviam na região antes da vinda dos assentados. Esta relação por ser histórica não se dá sem conflitos sociais e políticas que a compõem. Para dialogar conosco nesta discussão busco novamente o FREIRE (1981, p.79):

No momento mesmo em que nos aproximamos, criticamente deste processo e o reconhecemos como um tema, somos obrigados a apreendê-lo, não como um ideal abstrato, mas como um desafio histórico, em sua relação contraditória com a de desumanização que se verifica na realidade objetiva em que estamos. Isto significa desumanização e humanização não podem ocorrer a não ser na história mesma dos homens, dentro das estruturas sociais que os homens criam e a que se acham condicionados.

Por isso a pesquisa deve ser um esforço conjunto em que vamos apreendendo e problematizando a realidade ao mesmo tempo em que vamos descobrindo nossos próprios limites. Concordamos com FREIRE (1981, p.78) quando diz que:

escrever sobre um tema implica em buscar, tanto quanto possível, romper as aparências enganosas que podem conduzir-nos a uma distorcida visão do mesmo. Isto significa que temos de realizar o esforço difícil de desembaraçá-lo destas aparências para apanhá-lo como fenômeno dando-se numa realidade concreta.

Enfim, a pesquisa é uma tarefa tão árdua quanto surpreendente e que só é comprometida com a transformação social se for feita pelos sujeitos que de uma forma ou de outra nela se envolvem. E a importância de Freire para o desvelamento da realidade se faz imprescindível, no que diz respeito às referências que ele indica para que a partir de então possamos fazer nossa inserção enquanto educadoras/pesquisadoras brasileiras.

Este projeto pode ser visto como processo autônomo da própria comunidade e para tanto precisa ser revisto sempre que esta entender necessário. Nesta pesquisa nos coube também a organização dos registros. Pensando desse modo,

construímos juntos, os primeiros passos de organização popular do currículo da escola.

Deixei claro na última reunião que fizemos que tenho receio que este projeto caia nas mãos de iluminados. Instigando a comunidade à participação de forma contínua e autônoma e para tanto trouxemos para a discussão Vítor Paro quando diz que (1996, p.328)

Parece que o importante dessa questão é estar aberto para as fronteiras entre uma liderança democrática, que procura servir como ponto de referência para a população, a qual criticamente opta por aderir a determinada direção, e o paternalismo autoritário, que anula a iniciativa dos liderados decidindo em seu lugar.

Alertei ainda a comunidade escolar de que a sua participação não está garantida a não ser que eles a tomem para si. O que quero afirmar que tomaram até agora e que tenho convicção de que não recuarão (PARO, 1996, P. 330)

De uma forma ou de outra, parece que a questão da iniciativa de participação da população na escola reserva boa dose de responsabilidade tanto aos educadores como consciência social dos problemas do ensino público que atuam no interior da unidade escolar, quanto às pessoas ou instituições que, no seio da sociedade civil, se preocupam com o problema da participação popular na escola pública.

Os camponeses percebem que os espaços mostram as relações que os compõem. Desse modo, quando começamos a pesquisa a escola estava com muitos limites no seu espaço físico. Com o andar da pesquisa este espaço foi sendo problematizado e conseqüentemente melhorado.

No entanto, a comunidade ainda enxerga claramente limites que necessitam, com urgência serem qualificados e, colocam isto quando solicitam, por exemplo, refeitório, para que seus filhos possam usufruir da partilha do alimento como um momento realmente pedagógico, onde possam olharem-se, dialogar e saborear a merenda, que também reivindicam que seja de maior qualidade.

Na reunião que fizemos no dia 20 de março de 2009, ficou claro que a comunidade tomou para si a pesquisa. E utilizamos esta oportunidade para fazer uma síntese de coisas que entendemos como constituintes do currículo.

Os temas mostram relações que precisam ser amplamente discutidas na escola, para compreender a sociabilidade da comunidade do entorno desta instituição e fazer com que o currículo possa estar conectado com esta sociabilidade.

Os temas que surgiram como necessidade de compor o currículo escolar foram os seguintes: Escola, informática, plantio de árvores, acampamento/assentamento, campo/camponês/camponesa, produção, infância, adolescência, sexualidade, prevenção de drogas, técnicas agrícolas, trabalhos manuais, tarefas dos estudantes em casa, programa e conteúdos universais, amizade, amor, saúde, comunidade, alimentação, religião, família, crenças, fases da vida, cuidados com o idoso, política, maiores noções de ecologia, bocha, qualificação do espaço físico, equipamentos de música e dança, lida do campo, trato com os animais, lazer, teatro, influência dos meios de comunicação, jardim, transporte, refeitório, biblioteca mais qualificada, trabalho doméstico, trabalho sem remuneração, pesca, caça, relações humanas, tecnologias, reforma em geral do espaço físico da escola, laboratórios para experiências escolares, espaço de lazer na escola, equipamentos de educação física, uniforme.

É um desafio que tanto os professores, quanto pais, estudantes e funcionários, pelo seu envolvimento, parecem desejar abraçar. A tarefa que se impõe neste momento não é tarefa fácil, ou seja, é a de tentar dar conta o mais próximo possível das particularidades históricas que compõem as relações que vão surgindo. Esta comunidade necessita descobrir de que forma estes temas entrarão

no currículo de modo mais efetivo. Para o que, conforme já acordamos, me disponho a colaborar.

São muitos os interesses que colocam o camponês como representação do velho, do arcaico, do atraso. No entanto, esta classe resiste historicamente, produz a própria sociabilidade nesta sociedade excludente. Os camponeses do entorno da Astrogildo querem sim ter acesso a todas as tecnologias, que possam facilitar as suas vidas, entretanto não querem ser engolidos nem aculturados pela utilização destas.

## 7. Referenciais Bibliográficos:

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

ANDREOLA, Balduino (Org.). **Educação, Cultura e Resistência; uma abordagem terceiromundista**. Santa Maria: Palotti/ITEPA/EST, 2002.

APPLE, Michael W. A vida dos estudantes e a prática da reforma curricular. In: **Pátio: revista pedagógica, nº 45**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

BOGO, Ademar. **Arquitetos de Sonhos**. São Paulo: Ed UEM, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Afeto da Terra**. Campinas: Ed da Unicamp, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: O saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

DIEKOW, Ingrid Roselaine. **A educação no contexto histórico de um assentamento de reforma agrária no rio grande do sul**. Pelotas, UFPel, FaE, 2001. (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Agricultura Camponesa e/ou Agricultura Familiar**

In: [http://capacitacionapn.com.ar/cfycap/descargas/sociologia/agricultura\\_campones\\_a.pdf](http://capacitacionapn.com.ar/cfycap/descargas/sociologia/agricultura_campones_a.pdf) Acessado em 21.09.2008.

\_\_\_\_\_. **Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: Espaço e Território como Categorias Essenciais**. São Paulo: UNESP. 2005.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural Para a Liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: Apreendendo a Fazê-la Melhor Através da Ação. Apud: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação?**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Caminho se Faz Caminhando**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo Ed UNESP, 2000.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Marcha ao Coração do Latifúndio**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GRITTI, Silvana Maria. **Educação rural e capitalismo**. Passo Fundo: Ed UPF, 2003.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. **Sobre a Evolução do Conceito de Campesinato**. Brasília: Expressão Popular, 2005.

Secretaria de Educação do Município de Herval. **Histórico da cidade**, 2006.

HERBERT, Sérgio Pedro. **Orçamento Participativo na Perspectiva de Freire e Gramsci: Condições para a Emergência e Formação de Lideranças**. Porto Alegre: Redes, 2008.

<http://www.ibge.gov.br/cidades>. Sítio visitado pela última vez em 29 de outubro de 2008.

KIELING, José Fernando. **Expansão da Agropecuária Sul-Rio-Grandense – 1950-1980**. Pelotas: EdUFPel, 1999. (Capítulo 2 da Tese de Doutorado na USP, 1995).

\_\_\_\_\_. **Questão Agrária - Questão Agrícola**. Texto inédito, 2000.

\_\_\_\_\_. **Construção curricular em escolas do campo**. São Leopoldo: UNISINOS. Relatório de Pós doutorado, 2005.

KOLLING, E.J.: MOLINA, MC. (orgs.) **Por Uma Educação Básica do Campo**. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1998.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2 ed. 1997.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**, 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Expropriação e Violência; a questão política no campo**, 2 ed.. São Paulo: HUCITEC, 1982.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital; rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo/EdUNICAMP, 2002.

NETTO, J. Paulo. Para a Crítica da vida Cotidiana. In: FALCÃO, MC e NETTO, J. Paulo. **Cotidiano, Conhecimento e Crítica**. São Paulo: Cortez, 1987.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

PARO, Vítor Henrique. **Por Dentro da Escola Pública**. 2 ed. São Paulo: Xamã, 1996.

PESSOA, Fernando. **Poemas escolhidos**. Porto Alegre: Biblioteca ZH, 1998.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. (Org.). **Ousadia no diálogo. Interdisciplinaridade na escola pública**. São Paulo: Loyola, 1993.

PRADO, Caio Jr. **A Questão Agrária no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RIBEIRO, Elisabete da Silveira. **A Emancipação Sócio-educativa de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra na região de Herval – a reinvenção da vida - entre o sonho e a enxada**. Pelotas: FaE/UFPel, 2004. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Escola Rural para desenvolver ou boicotar a Identidade Campesina?** Pelotas. Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/Rs, 2003.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: O currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

SANTOS, Andréia Barbosa dos. **Como Sujeitos Que Vivenciaram o Processo de Alfabetização de Adultos Representam Sua Nova Identidade: Reflexões Acerca de Elementos Que Constituem a Transição do Deixar de Ser “Analfabeto” Para Ser “Alfabetizado”**. Pelotas: FaE/UFPel, 2004. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente: ‘Contra o Desperdício da Experiência**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHAFF, Adam e LUKACS, Georg. **Sobre o conceito de consciência de classe**, 3.ed. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

STRECK, Danilo R. (Org.) **Educação em Nossa América: Textos Selecionados José Martí**. Ijuí: Unijuí, 2007.

VIEIRA, Francisco da Costa. **A práxis dos sujeitos do assentamento São Vergílio na construção curricular**. Pelotas, FaE/UFPel, 2004. (Dissertação de Mestrado).